

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA
BACHARELADO EM DESIGN**

RAFAEL EDUARDO SPECHT

**BOTH&: O DESIGN PARA O EMPODERAMENTO DE TATUADORES QUEER
POR MEIO DE PRÁTICAS DE COCRIAÇÃO**

**CAXIAS DO SUL
2023**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA
BACHARELADO EM DESIGN**

RAFAEL EDUARDO SPECHT

**ORGULHO NA PELE: O DESIGN PARA O EMPODERAMENTO DE TATUADORES
QUEER POR MEIO DE PRÁTICAS DE COCRIAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para a aprovação da disciplina de Trabalho de conclusão de curso do curso de Design, do Centro de Artes e Arquitetura, Universidade de Caxias do Sul, para obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Ma. Aline Valéria Fagundes da Silva

**CAXIAS DO SUL
2023**

RAFAEL EDUARDO SPECHT

**ORGULHO NA PELE: O DESIGN PARA O EMPODERAMENTO DE TATUADORES
QUEER POR MEIO DE PRÁTICAS DE COCRIAÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para a aprovação da disciplina de Trabalho de conclusão de curso do curso de Design, do Centro de Artes e Arquitetura, Universidade de Caxias do Sul, para obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Ma. Aline Valéria Fagundes da Silva

Aprovado(a) em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mateus Zanatta

Prof. Ma. Aline Valéria Fagundes da Silva
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Me. Douglas Onzi Pastori
Universidade de Caxias do Sul

RESUMO

O projeto é uma iniciativa centrada no design para o empoderamento de tatuadores queer, utilizando práticas de cocriação. Inspirado pelo movimento LGBTQIAP+, o projeto destaca a relevância da representatividade ao incorporar tatuadores do movimento em estúdios. Reconhecendo a tatuagem como uma forma íntima de autodeclaração, o projeto culmina na criação de um estúdio de tatuagem de cocriação. Este espaço não apenas celebra a diversidade, mas também fornece uma plataforma para a expressão autêntica, transformando a pele em uma tela de narrativas queer. O resultado é um ambiente inclusivo, onde a colaboração entre artistas redefiniu a interseção entre design, identidade e comunidade, deixando uma marca indelével de orgulho e declarações.

Palavras-chave: Design, empoderamento, movimento LGBTQIANP+.

ABSTRACT

The project is a design-centered initiative for the empowerment of queer tattoo artists, using co-creation practices. Inspired by the LGBTQIAP+ movement, the project highlights the relevance of representation by incorporating tattoo artists from the movement into studios. Recognizing tattooing as an intimate form of self-declaration, the project culminates in the creation of a co-creation tattoo studio. This space not only celebrates diversity, but also provides a platform for authentic expression, transforming skin into a canvas for queer narratives. The result is an inclusive environment, where collaboration between artists has redefined the intersection between design, identity and community, leaving an indelible mark of pride and statement.

Keywords: Design, empowerment, LGBTQIANP+ movement.

Cada ilustração conta uma pequena história. Se observá-las, em alguns minutos elas lhe contarão uma história. Em três horas, você verá dezoito ou vinte histórias representadas no meu corpo. Poderá ouvir vozes e pensar pensamentos. Está tudo aqui, esperando apenas que você olhe.

Ray Bradbury, 1951

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Reconstrução da múmia Ötzi e suas tatuagens.....	16
Figura 2 - Tatuagem feita em marinheiros.....	20
Figura 3 - Whang Od, a mais antiga tatuadora filipina da cultura kalinga usa um espinho de pomelo e pedaço de bambu para fazer suas tatuagens.....	21
Figura 4 - Escarificação no rosto de mulher africana.....	22
Figura 5 - Mr Lucky o Pai Da Tattoo No Brasil.....	23
Figura 6 - Folheto distribuído por Lucky no porto de Santos.....	23
Figura 7 - Quadro com o levantamento dos locais de produção das tatuagens de 260 detentos do Carandiru (1927).....	24
Figura 8 - Tebori - técnica de tatuagem japonesa.....	30
Figura 9 - Agulhas utilizadas na técnica japonesa tebori.....	32
Figura 10 - Método Freehand.....	32
Figura 11 - Tatuagem Old School.....	34
Figura 12 - Tatuagem New School.....	35
Figura 13 - Tatuagem bold line.....	36
Figura 14 - Tomi fotografa a nova tatuagem de Dinis Sousa. No peito lê-se, a vermelho, "D is for dangerous".....	36

Figura 15 - Tatuagem feita em cima de cicatrizes por Mahadevil.....	46
Figura 16 - Foto da noite de 28 de Junho de 1969, noite que iniciou a rebelião de Stonewall.....	47
Figura 17 - Tatuagem feita nas pernas de Dinis, em português: Poder Trans.....	50
Figura 18 - Double Diamond.....	53
Figura 19 - Logotipo Diaba Tattoo.....	58
Figura 20 - Instagram Diaba Tattoo.....	63
Figura 21 - Logo They Tattoo.....	64
Figura 22 - Instagram They Tattoo.....	65
Figura 23 - Logo Casa Aquário.....	66
Figura 24 - Espaço para tatuadores.....	67
Figura 25 - Workshop de cerâmica.....	67
Figura 26 - Instagram Casa Aquário.....	68
Figura 27 - Tiktok Casa Aquário.....	69
Figura 28 - Nuvem de palavras.....	70
Figura 29 - Nuvem de palavras.....	73
Figura 30 - Moodboard.....	74

Figura 31- resultado de pesquisa INPI.....	74
Figura 32 - Estudo de tipos.....	75
Figura 33 - Criação da forma.....	76
Figura 34 - Paletas de cores da marca.....	77
Figura 35 - Símbolo da Marca.....	78
Figura 36 - Mapa do serviço.....	79
Figura 37- Protótipo do serviço.....	80
Figura 38 - Blueprint de serviço _ venda tatuagem.....	81
Figura 39- Blueprint de serviço _ aluguel do espaço.....	82
Figura 40 - Blueprint de serviço _ compra do curso.....	82
Figura 41- Mapa de stakeholders.....	82
Figura 42 - <i>Business Model Canvas</i>	84
Figura 43 - Mochila.....	85
Figura 44 - Mochila.....	86
Figura 45 - Ecobag em parceria com tatuadores.....	87
Figura 46 - Ecobag em parceria com o movivemnto LGBTQIANP+.....	88
Figura 47 - Mockup redes sociais.....	88

Figura 48 - Mockup redes sociais.....	90
Figura 49 - Mockup adesivos.....	90
Figura 50 - Mockup sketchbook.....	91
Figura 51 - Mockup cartazes.....	92
Figura 52 - Mockup cartazes.....	92
Figura 53 - Mockup cartão de visitas.....	93
Figura 54 - Mochila.....	93
Figura 55 - Aluna curso.....	96
Figura 56 - Cliente.....	102
Figura 57 - Tatuador.....	104
 QUADROS	
Quadro 1 - Processo de execução do projeto.....	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
1.2. OBJETIVOS.....	15
1.2.1. Objetivo geral.....	15
1.2.2. Objetivos específicos.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1. UM BREVE OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM.....	16
2.1.1. A tatuagem no Brasil.....	21
2.2. TATUAGEM E IDENTIDADE.....	39
2.2.1. A construção da identidade.....	43
2.3. TRAUMAS E ALTERNATIVAS PARA SUPERAÇÃO.....	44
2.3.1. Um prazer doloroso.....	45
2.3.2. Identidades ressignificadas.....	48
2.4. O MOVIMENTO LGBTQIAPN+.....	51
2.4.1. A tatuagem como pluralidade.....	53
2.5. DESIGN ATIVISTA.....	55
3. METODOLOGIA.....	57
3.1. PESQUISA QUALITATIVA.....	60
3.1.1 Entrevista com Andre Costa - Diaba tattoo.....	60
3.1.2. Entrevista They Tattoo.....	61
3.1.3. Entrevista MahaDevil.....	61

3.2. BENCHMARKING.....	62
3.2.1. Diaba tattoo.....	63
3.2.2. They tattoo.....	64
3.2.3. Casa Aquário.....	66
3.3. PERSONAS.....	70
4. DEFINIR.....	71
4.1. BRIEFING.....	71
5. DESENVOLVER.....	73
5.1. DESIGN DE MARCA.....	73
5.1.1. Naming.....	73
5.1.2. Criação de formas.....	73
5.1.3. Elementos secundários.....	73
5.1.3.1. Cores.....	73
5.1.3.2. Símbolo.....	76
5.2. DESIGN DE SERVIÇO.....	77
5.2.1. Mapa de expectativas do Serviço.....	77
5.2.2. Blueprint do serviço.....	78
5.2.3. Mapa de stakeholders.....	79
5.2.4. Business Model Canvas.....	80
6. DESIGN DE PRODUTO.....	81
6.1. MOCHILA.....	83
6.2. ECOBAG.....	84
7. ENTREGAR.....	86

7.1. DESIGN DE MARCA.....	86
7.2. DESIGN DE SERVIÇO.....	87
7.2.1. Espaço de Trabalho Compartilhado.....	89
7.2.2 Programa de Temporadas para Tatuadores.....	89
7.2.3. Cursos de Tatuagem e Mentorias.....	94
7.2.4. Marketing Digital.....	95
7.2.5. Avaliação.....	95
7.2.6. Eventos e Exposições.....	95
7.2.7. Colaboração e Venda de Produtos.....	96
7.3. DESIGN DE PRODUTO.....	96
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
9. REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICE A.....	102
APÊNDICE B.....	106
APÊNDICE C.....	113

1. INTRODUÇÃO

Nas ruas da cidade, é impossível não se deparar com corpos tatuados, uma prática que tem se tornado cada vez mais legítima no cenário atual. Anteriormente estigmatizada como um símbolo de degeneração e desvio, a tatuagem atraiu indivíduos de diversas classes, idades e gêneros nas últimas décadas. O corpo humano, para além de sua estrutura biológica, é um substrato material que possibilita diferentes formas de existência e expressão.

Através da tatuagem, é possível observar a construção de simbolismos variados, que conferem sentido, significado e valor ao corpo. Essas marcas na pele não se limitam a adornos, mas se tornam expressões de individualidade, arte e confiança. A sociedade tem evoluído, abraçando a diversidade e reconhecendo a importância da liberdade de expressão, celebrando essas marcas na pele como uma forma de empoderamento pessoal. Nesse contexto, a *tattoo queer* tem emergido como uma abordagem única e poderosa, que transcende as fronteiras tradicionais da tatuagem, desafiando as normas de gênero e sexualidade, nesse sentido ela desafia as normas sociais e promove a visibilidade e a pluralidade.

No entanto, a experiência da tatuagem vai além do simples encontro da agulha com a pele. Ela engloba estratégias, subjetivação, enfrentamento da dor e realização de desejos. A vontade de fazer uma tatuagem, a seleção do desenho, a busca pelo tatuador e o impacto do olhar do outro são fatores que envolvem e permeiam a vivência individual desse processo.

Esta pesquisa busca compreender as relações protegidas pelos sujeitos por meio da tatuagem, explorando de que maneira as experiências vividas se tornam parte essencial de suas subjetividades e criam para a construção de suas identidades. Além disso, investiga-se como a resignificação da dor se transforma em um mecanismo de superação e um meio de afirmar-se diante de desafios pessoais.

Para uma compreensão abrangente, o olhar dos tatuadores é de suma importância, uma vez que são eles que materializam a tatuagem na pele, estabelecendo um contato íntimo com os clientes em uma prática que envolve a interseção entre dor e prazer. Suas perspectivas enriqueceram a compreensão das narrativas tatuadas e as motivações por trás dessas escolhas.

Ao examinar as histórias e experiências envolvidas na prática da tatuagem, pretendo desenvolver o papel desempenhado por essas marcas corporalmente na construção de significados, enriquecendo nossa compreensão das identidades corporais contemporâneas. A pesquisa permitirá uma reflexão profunda sobre a tatuagem como uma forma de expressão, empoderamento e ressignificação pessoal, assim, buscou-se estudar e compreender a história do movimento LGBTQ+ e dos movimentos sociais, bem como reconhecer suas importâncias, funções e efeitos na contemporaneidade, criando assim um ponto de conexão entre estas marcas e o movimentos. Além disso, foram explorados estudos sobre a tatuagem e o design ativista, incluindo suas histórias, funções na sociedade e suas relações com os movimentos sociais. A aplicação da semiótica ao design foi investigada para entender e analisar o movimento LGBTQ+ sob essa perspectiva. Isso envolveu examinar sua fundamentação, abordagens e explorar como os símbolos, linguagens e outras representações visuais estão presentes no contexto da tatuagem e do design ativista nas construções identitárias. Em resumo, o design ativista desempenha um papel fundamental na compreensão das tatuagens no contexto do movimento LGBTQ+. Essa disciplina oferece ferramentas analíticas e teóricas para explorar a complexidade e política das tatuagens LGBTQ+, permitindo uma compreensão mais profunda das narrativas visuais e do impacto social dessas expressões corporais.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Como o design pode contribuir para o empoderamento de tatuadores queer por meio de práticas de cocriação?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo geral

Desenvolver um projeto de design que promova o aperfeiçoamento criativo e expressivo na tatuagem fora do mainstream por meio da cocriação de tatuadores queer visando a criação de redes de apoio para o fortalecimento da comunidade LGBTQIAPN+.

1.2.2. Objetivos específicos

1. Contextualizar os significados da tatuagem na sociedade ao longo dos tempos;
2. Entender a relação de identidade e subjetividade, e estes com a prática da tatuagem;
3. Entender como a tatuagem pode ser usada como um método terapêutico;
4. Compreender subjetividades do corpo que estimulem o percurso criativo;
5. Identificar métodos capazes de romper com as hierarquias e estruturas patriarcais da arte da tatuagem tradicional;
6. Propor uma forma de criar uma rede de apoio e luta com diferentes artistas e diferentes métodos de tatuar, criando assim uma troca de ensinamentos e histórias, abordando temáticas e processos pertinentes à pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Creswell (2009), a teoria é o fundamento para realização de uma pesquisa, ela dará forma às questões investigadas e à coleta de dados.

2.1. UM BREVE OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA TATUAGEM

A história da tatuagem existe há milhares de anos e é um testemunho da incrível criatividade e expressão artística da humanidade. Desde os tempos antigos até os dias atuais, a tatuagem tem desempenhado papéis diversos e permanecem em várias culturas ao redor do mundo.

As primeiras evidências de tatuagem remontam a mais de 5.000 anos, descobertas em uma múmia apelidada de Ötzi - considerado o “pai da tatuagem”-, foi encontrada preservada em gelo nos Alpes de Ötztal e apresenta 61 tatuagens, algumas localizadas em locais do corpo que coincidem com os atuais pontos utilizados na acupuntura, o que, supostamente, poderiam ter sido feitas para tratar doenças. Principalmente por serem pontos conectados a áreas em que Ötzi apresentava problemas de saúde. Essas tatuagens iniciais eram geralmente feitas através de perfuração da pele e esfregando pigmentos naturais, como carvão ou cinzas, nas feridas.

FIGURA 1 - Reconstrução da múmia Ötzi e suas tatuagens.



FONTE:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/explicacao-cientifica-para-tatuagens-de-otzi-o-homem-de-gelo.phtml>

Ao longo da história, as tatuagens assumem diferentes significados e funções em diferentes cultura, no Egito Antigo, por exemplo, as tatuagens datam o período pré-dinástico (anterior a 3.100 a.C.), e assumiram um significado espiritual e

religioso onde representavam tanto sua devoção quanto agiam como uma forma de proteção, além de indicarem uma posição social elevada. Apesar de diversas análises arqueológicas, tais significações sobre as tatuagens não são definitivas pela vasta falta de registros de como tais eram lidas naquele contexto social.

No Império Romano, a tatuagem era considerada completamente contrária às crenças vigentes, já que se acreditava na pureza da forma humana, sendo assim, a tatuagem reservada puramente para criminosos e escravos.

A história da tatuagem revela que sua origem é mais antiga do que se supunha, e que ela já era usada para fins terapêuticos e sociais muito antes de chegar ao Ocidente. No entanto, a transição para a prática contemporânea da tatuagem por muito tempo obscureceu essas tradições antigas, que recentemente vêm sendo recuperadas e valorizadas.

A prática da tatuagem no Ocidente tem sido influenciada por diversos contextos sociais ao longo do tempo. No começo, ela era considerada uma forma de arte "exótica" e foi trazida pelos viajantes e marinheiros do século XVIII, seduzidos por tal arte corporal praticada por povos aborígenes (especialmente os das ilhas do Pacífico), começando assim a tatuar seus próprios corpos, ou seja:

Assim, o contexto social em que se começou essa prática no Ocidente se deu a partir do contato com outras culturas, distantes e diferentes, cujas artes, tais como as tatuagens, eram vistas como "exóticas". Um exotismo que seduzia aos viajantes, que se converteram em intermediários de um saber que se foi apropriando paulatinamente através das viagens, do ir e se tatuar, de retornar e se mostrar, de provar, de começar a aprender e de experimentar em seus próprios corpos (FONSECA, 2003, p.19).

A chegada da tatuagem na Europa está associada à viagem de James Cook à Polinésia em 1769, quando a tripulação entrou em contato com as práticas dos Maori. A própria palavra "tatuagem" deriva da palavra maori "tatau". Essa narrativa romantizada sugere uma cooperação entre a expedição europeia e os locais, implicando uma troca cultural mútua, mas ignora o processo de apropriação cultural e a percepção dos nativos e suas práticas como algo primitivo e fascinante, mas inferior aos costumes europeus. Durante esse período, uma prática que surgiu na Europa foi uma coleção de cabeças tatuadas dos guerreiros maori, conhecida como "toi moko", uma forma de comodificação das práticas culturais e dos indivíduos de outros povos. Essa exotização dos corpos tatuados ainda permeia correntes atuais,

motivada por uma visão crítica sobre a narrativa tradicional relacionada à viagem de Cook.

Além disso, a tatuagem já estava presente na Europa antes do retorno dos marinheiros da expedição de Cook. Acredita-se que os gregos já praticassem a tatuagem, chamada de stigmata - uma conexão que não deve ser ignorada com a palavra estigma. Para os gregos, tatuar voluntariamente o corpo era impensável, pois as tatuagens marcavam os povos assim ditos como "bárbaras". Essas marcas serviam como uma forma de estigmatização e controle social, reforçando a ideia de que aqueles que carregavam tatuagens eram pessoas fora da lei ou socialmente inferiores.

A importância da chegada de Cook não reside em trazer a própria prática da tatuagem, mas sim na introdução da ideia de concentração intencional. O moko, a tatuagem dos Maori, era considerada uma marca de honra e uma representação gráfica do status social.

No século XIX, a tatuagem se tornou uma prática comum durante a Guerra Civil Americana. Além de já ser uma prática adotada por militares como uma forma de fortalecer os laços entre os companheiros, ela também passou a ser utilizada como um meio de declaração de alianças e posicionamentos políticos. Em um período turbulento em que homens de um mesmo país, essencialmente semelhantes, se encontravam em combate, era necessário adotar algum tipo de marca que os diferenciasse, mesmo que simbolicamente.

No final do século XIX, a tatuagem começou a se popularizar entre as classes mais altas na Europa. Essa popularização foi impulsionada por diferentes motivações, com destaque para a patente da máquina de tatuar por Samuel O'Reilly em 1891 e a importação de estêncil do Japão. Esses fatores possibilitaram uma tatuagem mais precisa, menos dolorosa, mais exclusiva e com técnicas mais complexas. Nesse período, houve também relatos de mulheres vitorianas utilizando a tatuagem como forma de desafiar os padrões de gênero.

Posteriormente no século XIX e início do século XX, grupos marginais da sociedade, como presidiários, prostitutas e soldados, adotam a tatuagem como forma de expressão. Ela ganhou especial importância nos ambientes carcerários, sendo popularmente conhecida como a flor do presídio. A associação da tatuagem com esses universos sociais fez com que ela passasse a ser vista como uma marca

de marginalidade, atuando em dois sentidos: como meio de identificação e como estigma social.

[...] um atributo profundamente depreciativo, mas que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 2012, p.13).

A partir de 1967, tribos urbanas como roqueiros, motociclistas, hippies e, de forma mais radical, punks e skins, se apropriaram desse imaginário e adotaram a tatuagem como uma marca corporal. Por meio dela, eles exibem publicamente sua vontade de romper com as normas sociais e posicionarem-se deliberadamente à margem da própria sociedade, ou seja, eles expressavam abertamente a mensagem de que seus estilos de vida não se adequavam às normas sociopolíticas tradicionais e dominantes. Em outras palavras, eles transformaram a marginalidade em um símbolo de negação e contestação, carregando um significado tanto individual quanto coletivo gravado em seus corpos, pronto para ser exibido publicamente.

A partir dos anos 1980, o sentido estigmatizante associado ao uso da tatuagem começou a mudar significativamente. Isso ocorreu com o estabelecimento de lojas especializadas (através de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de promoção), a profissionalização dos tatuadores e a melhora da técnica. No entanto, a mudança mais significativa veio com as novas concepções do corpo como uma obra-prima de construção do sujeito e aberta a transformações. Consequentemente, a tatuagem passou a ser uma opção estética buscada pelas novas gerações. A tatuagem desempenha um papel fundamental na comunicação, uma vez que muitas vezes o que é tatuado representa algo que não pode ser expresso verbalmente. Os símbolos tatuados têm uma voz própria que fala por si só. No entanto, há uma contradição intrínseca no uso das marcas corporais ao longo da história, já que elas serviram tanto para elevar quanto para rebaixar indivíduos. Além disso, a tatuagem tem sido parte integrante de rituais culturais, marcando transições e codificando as normas culturais.

Em diferentes culturas e épocas, as modificações corporais foram realizadas como parte de rituais de iniciação e ritos de passagem, simbolizando transformações e incorporando os valores de uma sociedade. No entanto, houve momentos na história em que a tatuagem foi proibida, especialmente durante a era cristã. Mesmo

assim, muitas culturas continuaram a usar a tatuagem por motivos religiosos, considerando-a uma forma de proteção e poder.

Um exemplo sombrio do uso da tatuagem foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando os nazistas tatuavam números nas peles dos prisioneiros judeus como parte de seu sistema de identificação.

No contexto contemporâneo do ocidente, a tatuagem passou por diversas transformações. Inicialmente, foi associado a grupos como marinheiros, prostitutas e marginalizados sociais, políticos ou econômicos. No final do século XIX, os tatuados eram desenhados em circos como atrações bizarras. A tatuagem era, muitas vezes, um distintivo de criminosos e profissionais do sexo.

FIGURA 2 – Tatuagem feita em marinheiros.



FONTE:

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/livro-uma-historia-da-tatuagem-no-brasil-de-silvana-jeha-revela-um-pais-popular-e-mistico>

A partir da década de 50, nos Estados Unidos, houve uma mudança no público que frequentava os estúdios de tatuagem, com jovens membros de gangues adotando a prática como forma de identificação de grupo. Na década de 60, o movimento hippie começou a abraçar a tatuagem como uma forma de expressão

corporal. No Brasil, nesse período, a tatuagem encontrou seu espaço, inicialmente entre os surfistas cariocas, influenciados pelos ideais hippies. Nos anos 80, o movimento punk também mudou a tatuagem como parte de sua identidade.

2.1.1. A tatuagem no Brasil

Desde tempos remotos, os seres humanos possuem um impulso natural para registrar momentos, muitas vezes marcando suas próprias peles como forma de expressão. E estes indícios da tatuagem no Brasil segundo o estudo feito pelo jornalista Toni Marques (1997) em seu livro “O Brasil tatuado e outros mundos”, tudo teve início na cultura indígia onde as ferramentas utilizadas inicialmente para essa prática eram rudimentares, como espinhos ou pedaços de ossos. Os padrões geométricos eram comumente usados como formas de marcação entre esses povos.

FIGURA 3 – Whang Od, a mais antiga tatuadora filipina da cultura kalinga usa um espinho de pomelo e pedaço de bambu para fazer suas tatuagens.



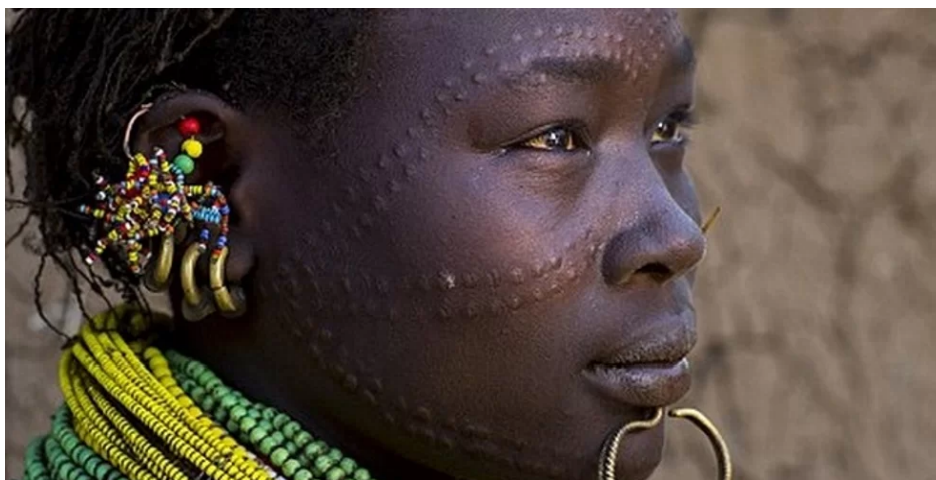
FONTE: <https://pinaytraveller.com/archives/8085>

Essa ornamentação normalmente era caracterizada por tradições transmitidas por gerações, registrando o amadurecimento, a identificação com grupos e o poder espiritual. Assim, eles registraram na pele elementos inspiradores encontrados na própria natureza, utilizando tintas feitas a partir de materiais encontrados na mata. Essas tatuagens eram uma maneira de conectar-se com o mundo natural e expressar uma conexão espiritual com o ambiente ao seu redor.

A maior parte da história da tatuagem é história indígena. Algumas dessas tradições foram naturalmente abandonadas ou alteradas por seus praticantes ao longo do tempo. Outras foram suprimidas à força nos últimos séculos por forças ocidentais, cristãs e coloniais. Muitos objetos dessa prática estão mantidos em instituições ocidentais, às vezes retirados à força de seus locais de origem e complementados por relatos escritos de estrangeiros culturais. Isso está longe de ser ideal (Archaeology Ink, 2020, tradução livre).

Outra forma de marcação corporal, introduzida no Brasil na primeira metade do século XVI, foi a escarificação. Esta é uma forma de tatuagem “feita com espinho introduzido sob a pele, ao longo de traços previamente desenhados, depois a pele era levantada, para em seguida ser cortada por lâmina de pedra ou metal” (MARQUES, 1997, p. 132), trazida por escravos de tribos africanas, feitas de cicatrizes sem a utilização de tinta, com o intuito de identificar a que grupo o indivíduo pertencia, como também passagem pela puberdade e casamento.

FIGURA 4 - Escarificação em rosto de mulher africana.



FONTE: <https://mega.ibxk.com.br/2014/07/19/19140014593018.jpg>

Porém, essa identidade foi se perdendo no Brasil, já que os negros escravos não tinham motivações e nem liberdade de marcar sua pele longe de sua terra e cultura. Por serem propriedades, seus donos não permitiam tal prática uma vez que os cortes traziam a desvalorização dos escravos (DE LIMA, 2018, p. 15). Fica evidente, portanto, as raízes afro-indígenas da prática da tatuagem nas terras brasileiras, bem como sua marginalização e apagamento inicial.

No entanto, o contexto de estigma começou a mudar significativamente com a colonização, apropriação e disseminação da tatuagem, principalmente com a invenção da máquina elétrica em 1891 por Samuel O'Reilly, um norte-americano. Embora a aprendizagem continue sendo por meio da observação e da experiência prática, agora há um elemento adicional: a máquina e seu uso adequado, onde os “segredos” desse uso são compartilhados apenas dentro de grupos bastante restritos.

Os avanços nessa área foram impulsionados principalmente por tatuadores estrangeiros que, ao chegarem ao país, cumpriram o papel de intermediários na introdução da nova tecnologia da tática. No Brasil, a disseminação da tatuagem ocorreu no século XIX, com a abertura dos portos e a mistura de marinheiros estrangeiros com a população das cidades litorâneas, assim propagando a pelo mundo. Um exemplo notável é o de Knud Harald Lykke Gregersen conhecido como Tatto Lucky, um imigrante dinamarquês proveniente de uma família de tatuadores e marinheiros. Lucky veio para o Brasil em 1959 e permaneceu até o seu falecimento em 1983, deixando uma importante contribuição para o desenvolvimento da arte da tatuagem no país.

FIGURA 5 - Mr Lucky o Pai Da Tattoo No Brasil.



FONTE:

<https://www.tattodo.com/articles/histria-da-tatuagem-conheam-mr-lucky-o-pai-da-tattoo-no-brasil-131>

Portanto, a disseminação da tatuagem comercial no Brasil ocorreu quando alguns antigos clientes de Lucky aprenderam e deixaram sua marca em outros

corpos. No entanto, essas tatuagens eram realizadas de forma informal e artesanal nas ruas, muitas vezes em locais sujos e insalubres, o que ampliava ainda mais os estigmas negativos associados à prática. Assim, durante os anos de 1970, ainda eram poucos os tatuadores no Brasil e a arte da tatuagem lutava para ser aceita e evoluir em termos de técnicas e materiais de qualidade.

FIGURA 6 - Folheto distribuído por Lucky no porto de Santos, SP.



FONTE: LUCKY..., 2006.

No entanto, a partir da década de 1980 (mais recentemente no Brasil), a tatuagem começou a se difundir amplamente, deixando para trás sua associação com marginalidade, desvio e contestação social. Ela se tornou uma prática comercial em expansão significativa. Ao mesmo tempo, a profissão de tatuador se profissionalizou, sendo produzida por meio de sites, revistas e grandes convenções coletivas, reconhecidamente como uma forma de arte. Os estúdios de tatuagem, por sua vez, passaram a adotar uma abordagem mais clínica, com requisitos de regulamentação médica e trabalhista.

Também a Internet e as revistas especializadas são meios importantes de difusão, onde se encontram os procedimentos e cuidados da tatuagem, os novos desenhos e estilos, dados históricos, curiosidades, e, especialmente, um universo de apreciação e valorização sobre esta nova expressão estética (LE BRETON, 2002, p. 178).

2.1.2. Narrativas e relatos sobre a tatuagem no Brasil

A arte da tatuagem já estava presente no Brasil antes mesmo da colonização. Era uma prática comum entre alguns dos povos que habitavam esse vasto território. No entanto, com a chegada dos colonizadores europeus e a subsequente dizimação das populações indígenas, as tradições de tatuagem foram duramente reprimidas, resultando em uma redução significativa da tatuagem indígena no Brasil.

À medida que nos afastamos das influências da tatuagem indígena brasileira, a tatuagem ocidental ganhou expressão, principalmente entre os marujos, que desempenharam um papel fundamental na história da tatuagem no Brasil. Os primeiros registros de marinheiros tatuados datam da primeira metade do século XIX, período que coincide com os primeiros registros de brasileiros nascidos no país que também adotaram a prática da tatuagem. Enquanto viajavam pelo mundo, esses marujos se desenvolveram para divulgar e popularizar a arte da tatuagem, tanto como tatuados quanto como tatuadores.

As fichas do Museu Penitenciário Paulista, que datam das décadas de 1920 e 1930, descrevem a existência de prisioneiros, muitos deles marítimos, estivadores ou trabalhadores portuários, que já eram tatuados antes de serem presos. Muitos desses prisioneiros afirmaram que seus tatuadores eram, na verdade, outros marinheiros, embarcadiços ou estivadores. Durante esse período, a maioria dos tatuadores profissionais registrados esteve associada ao meio marítimo ou atuava nas áreas portuárias. Foi nesse contexto que as primeiras máquinas de tatuagem surgiram no Brasil.

Os marinheiros, temendo estarem perdidos e desconhecidos em caso de naufrágio, adotaram a prática de fazer tatuagens como forma de identificação e reconhecimento. Sinais da cruz eram frequentemente marcados em seus corpos para que fossem identificados como cristãos. Isso foi feito devido ao receio de que seus corpos fossem jogados ao mar ou abandonados em terras distantes, privados de um funeral digno e dos rituais religiosos apropriados.

Embora os registros da fragata de guerra Imperatriz, que datam de 1833-1835, mencionam marítimos com essas marcas ou “sinais”, acredita-se que muitos navios anteriores já contavam com marujos tatuados. De acordo com Jeha, um historiador especializado na história da tatuagem no Brasil, a prática da tatuagem se envolveu entre marinheiros de navios negreiros e de outras

embarcações estrangeiras que passaram a chegar em maior número após a abertura dos portos brasileiros em 1808. A partir do século XVIII, a tatuagem se difundiu entre marinheiros que passavam pelo território brasileiro ou que decidiam estabelecer-se nele.

A partir do século XVIII, a arte da tatuagem começou a se espalhar entre os marinheiros que transitavam pelo território brasileiro, bem como entre aqueles que optaram por estabelecer-se na região. Os marinheiros desempenharam um papel crucial como portadores da arte da tatuagem, espalhando essa prática pelo mundo. Jeha sugere a possibilidade de que a tatuagem tenha suas raízes na navegação do Mediterrâneo antes de se divulgar pelos vastos oceanos.

No século XVI, os peregrinos que viajavam para a Terra Santa e retornavam à Europa eram conhecidos por trazer figuras cristãs tatuadas em suas peles. Essas viagens foram realizadas em navios tripulados por marujos.

A cultura ligada aos navios e aos portos também influenciava os quartéis, onde os soldados adotavam a tatuagem, assim como as prisões, onde existem registros de prisioneiros que foram tatuados antes ou durante o cumprimento de suas penas. Esses corpos estavam disponíveis para as autoridades sendo descritos e identificados, pertencentes a indivíduos que buscavam uma forma de “enraizamento” enquanto estavam longe de suas casas, parentes e entes queridos. A pesquisa de Jeha teve acesso a esses corpos por meio de registros oficiais que descreviam os “sinais”, termo que englobava tatuagens, cicatrizes e outras marcas. Nas prisões, médicos estudaram e descreveram essas tatuagens, e essa descrição de sinais como uma forma de identificação dos indivíduos até o final do século XIX.

Sobre a marcação da pele de africanos e africanas que foram escravizados e trazidos à força para o Brasil, traçou-se um panorama das marcas das nações africanas registradas principalmente nos anúncios de fuga dos jornais do século XIX, bem como das marcas de escravidão, que eram frequentemente aplicadas com ferro quente para formar cicatrizes. As marcas feitas nas terras africanas geralmente eram escarificações realizadas de acordo com as tradições de diferentes povos africanos, muitas vezes feitas de maneira consensual. Em contrapartida, os carimbos, que eram marcas de fogo ou ferro, eram usados para punir criminosos, identificar e controlar escravizados. Seu principal propósito era dominar e apropriar-se dos escravizados, essas marcas foram realizadas tanto em terras africanas durante a comercialização de escravizados quanto dentro dos navios, marcando o processo de

escravidão desde a África. Além disso, essas mesmas marcações foram aplicadas a insumos e produtos exportados, como se fossem logotipos de empresas ou proprietários.

Além das marcas mencionadas, também havia marcas resultantes do batismo cristão, muitas vezes realizadas por padres em barracões ou a bordo dos navios. Esses incluíam frequentemente uma ou duas cruzes na região peitoral, bem como relatos de corações e âncoras nos escravizados, que estavam disponíveis em fontes tipográficas, marcas, além de letras e números. No entanto, para os escravizados de diferentes origens, minorias e culturais, as marcas mais comuns eram as marcas de fogo.

No Brasil, a prática da tatuagem foi influenciada pela tattoo portuguesa, muitas vezes confundida com a tatuagem marítima, pois os marinheiros portugueses eram os mais presentes nos portos brasileiros e também tripulavam as frotas marítimas mercantes e de guerra durante o período imperial. Além disso, os portugueses desempenharam um papel fundamental como colonizadores e colonos, formando o maior grupo populacional no Brasil. Muitos deles encontraram-se nas camadas mais baixas da sociedade, exercendo profissões como calceteiros, carroceiros, lavradores, estivadores e pedreiros, e se espalharam por todo o território nacional.

No Rio de Janeiro, entre 1906 e 1908, o Gabinete de Identificação registrou que dos 994 presos tatuados, 205 eram de origem portuguesa. Em Portugal, as tatuagens eram conhecidas como “crismas” (com conotação religiosa), “sinais” e “marcas”, e a prática era comum na região do Porto. O etnólogo José de Vasconcelos descreveu que a tatuagem também era praticada nas aldeias portuguesas, inclusive entre mulheres. Houve registros de tatuagens semelhantes em dois países, especialmente com temáticas religiosas, desde o século XIX. A tatuagem em si e sua prática frequentemente tinha uma conotação religiosa, e os registros e desenhos em Portugal se assemelhavam aos praticados no Brasil.

No final do século XIX, a prática de exportar pessoas tatuadas como atrações circenses chegou ao Brasil, seguindo a tradição dos espetáculos americanos e europeus. Após saturar o mercado nesses locais, essas atrações buscaram o Brasil como um lugar para explorar narrativas e entretenimentos que envolviam indivíduos altamente tatuados, muitas vezes explorando uma narrativa externa para o primitivismo daqueles que eram tatuados. Em 1890, o navio *Advance*, da linha

US-Brasil Mail Company, trouxe ao Rio de Janeiro o tatuado George Costentenus, que foi apresentado na Europa e nos Estados Unidos por cerca de 10 anos. Em 1904, foi a vez de Delano, que era tatuado e malabarista. Cada um desses tatuados fazia apresentações nas quais contavam histórias de suas aventuras e realizavam números circenses.

No século XX, mascates de origem sírio-libanesa se espalharam por todo o Brasil, de maneira semelhante aos marinheiros que navegavam pelo mar continental. A imagem desses mascates, trabalhadores e tatuados, era muitas vezes estereotipada e associada a uma imagem bárbara. Eles também constituíram uma parte significativa da comunidade de tatuadores no estado de São Paulo, sendo conhecidos pela qualidade de suas tatuagens e suas habilidades técnicas. Diversos imigrantes de diferentes partes do mundo, incluindo japoneses, italianos, americanos e franceses, passando pelo Brasil e contribuindo para a prática da tatuagem no país.

A história da tatuagem em mulheres é mais enigmática devido à falta de registros e à repressão que muitas delas enfrentaram, tornando suas tatuagens um segredo bem guardado.

As tatuagens se tornaram visíveis quando os indivíduos passavam pelos órgãos de repressão e seus registros eram documentados em arquivos médicos e policiais. Mulheres infratoras eram raras e, ainda mais raro, o fato de serem tatuadas. “Essas mulheres sobreviveram como puderam em meio à pobreza e à marginalização a que foram destinadas. Passado esse tempo – não completamente –, podemos interpretar suas tatuagens não como marca de infâmia, mas de coragem” (Jeha, 2019, pg.208). Geralmente, as mulheres tatuadas pertenciam à classe trabalhadora e eram frequentemente rotuladas como prostitutas, embora a incidência fosse mínima.

As marcas na pele também eram uma realidade para os africanos que foram trazidos escravizados para o Brasil, sendo usados como uma forma de facilitar o reconhecimento de marcas fugitivas. Diferentes nações africanas possuíam padrões e estilos diferentes de marcar a pele, conforme evidenciado nos anúncios de fuga publicados nos jornais do século XIX. Essas marcas, muitas vezes, foram escarificações realizadas de acordo com as tradições de cada povo. Além disso, existiam marcas de escravidão, conhecidas como “carimbos”, que eram aplicadas com ferro quente nos escravizados. Essa prática servia como forma de proteção,

identificação e controle, e aqueles que realizavam essas marcações se apropriaram dos escravizados.

O termo “marca” foi utilizado para descrever as cicatrizes resultantes das queimaduras dos ferros em brasa. A maioria dessas marcas foi feita na África, durante a captura e no início do processo de escravidão, como evidenciado pelas expressões “marca de navio”, “ainda boçal” e “marca de consignação”. As marcações eram realizadas em terra ou a bordo dos navios, dependendo da urgência do processo. Mesmo com o advento do batismo cristão promovido por padres, que incluía a marcação da pele com cruzeiros, as marcas resultantes dos ferros quentes persistiram até o fim do tráfico. Essas marcas não eram aplicadas apenas em seres humanos, mas também em objetos que eram comercializados, relacionando-os a um proprietário.

Os símbolos religiosos eram amplamente representados nas tatuagens populares, funcionando como amuletos que combinavam práticas de tatuagem cristãs ocidentais com tradições africanas e afro-brasileiras de marcação da pele, e por vezes até com costumes indígenas de marcação. Símbolos de proteção e proteção à religião do indivíduo eram comuns desde os primeiros dias da tatuagem. Afetos, como amor, saudade, paixão, sexo e sedução, também figuravam entre os motivos mais frequentes para as tatuagens.

Entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XX, a tatuagem era predominantemente associada às camadas mais desfavorecidas da sociedade. Os tatuados enfrentavam estigmas sociais e eram frequentemente considerados suspeitos, podendo ser percebidos como potenciais criminosos, refletindo a influência das teorias criminais que associavam a tatuagem à marginalidade.

Paralelamente à crescente criminalização dos tatuados, a prática da tatuagem também estava presente no ambiente carcerário, caracterizando-se pela combinação de fatores como a perda de liberdade, a exclusão social e as dificuldades de ressocialização. Essa prática englobava marcações feitas tanto antes quanto durante o período de detenção.

Essa é a tatuagem mais amplamente documentada, já que os corpos dos presos estavam à disposição das autoridades policiais e médicas para seus registros e pesquisas.

Os primeiros registros datam em Fernando de Noronha, nos anos 1860, quando a ilha servia de destino para indesejados. Os médicos elaboraram teses sobre as tatuagens nas prisões, argumentando que a prática era um sinal de criminalidade. Para muitos, a tatuagem representava uma forma de apropriação do próprio corpo, uma maneira de fazê-lo falar e resistir. No entanto, o médico José Ignacio de Carvalho discordou de seus colegas, concluindo que não havia uma ligação evidente entre tatuagem e criminalidade, nem entre o desenho tatuado e a infração cometida. Estudos sobre a tatuagem em contextos prisionais continuaram até pelo menos os anos 1940.

FIGURA 7 – Quadro com o levantamento dos locais de produção das tatuagens de 260 detentos do Carandiru (1927).

ONDE FOI FEITA A TATUAGEM?	
Cadeia	131
Domicílio do tatuado . .	4
Domicílio do tatuador ..	5
Templo	1
Quartel	7
Acampamento militar ..	1
Arsenal de Marinha .. .	1
Navio	7
Hospital	2
Escola	3
Acampamento de traba- lho	7
Via pública	2
Outros locais	38
Sem informação	1
Total geral	260

FONTE: SYLOS, 1927.

A tatuagem foi uma cultura que, por muito tempo, foi criminalizada e praticada principalmente por pessoas das classes sociais mais baixas. Os termos “delinquente” e “marginal” eram frequentemente usados em registros policiais e jornais para descrever assuntos que eram criminalizados por pobres ou desempregados, sem oportunidades para se estabelecerem nas cidades. Até os anos 1970, a tatuagem era considerada uma característica daqueles marginalizados pela sociedade. Desde o final do século XIX, as palavras “tatuado” e “tatuagem” estavam associadas a crimes e mortes, com jornais frequentemente publicando fotos de pessoas tatuadas em seus pacotes criminosos.

Em 1959, a chegada de Knud Harald Lykke Gregersen, mais conhecido como Lucky, e sua máquina de tatuagem elétrica, marcou a transição entre a “era da marginalização” e a explosão da prática da tatuagem em todas as camadas da população, como delineada nas décadas de 1970 e 1980, e consolidado na década de 1990. Lucky se registrou como pintor e desenhista ao chegar ao Brasil e é um dos poucos tatuadores profissionais mencionados. Ele trabalhou como tatuador em Santos, em uma zona boêmia e portuária, treinando jovens de classe média de várias cidades. Com o “renascimento da tatuagem”, a prática se expandiu para diferentes classes sociais, gêneros, etnias e faixas etárias em diversas localidades.

Até a década de 1970, não foram encontrados registros de membros da elite tatuados. Foi nessa época que jovens da classe média do Rio de Janeiro, principalmente surfistas, viajaram para Santos para se tatuar com Lucky. Essa tendência é mantida por todas as classes sociais. A canção “Menino do Rio”, de Caetano Veloso, inspirada em Petit, um modelo que tatuou um dragão no braço, exemplifica essa popularização. A mídia também desempenhou um papel fundamental na disseminação da tatuagem. A liberação do corpo durante as revoluções dos anos 1960 também foi um fator crucial no processo de popularização da tatuagem. A prática da tatuagem passou a ser associada a uma série de emoções, como amor, saudade, paixão, sexo e sedução, que apresenta narrativas envolvendo afetos familiares.

2.1.3. As antigas técnicas de tatuar

Antes da invenção da máquina elétrica de tatuagem, os métodos utilizados eram bastante primitivos. Eles envolveram perfurar a pele ponto a ponto com instrumentos pontiagudos para criar os desenhos desejados. No Japão, por exemplo, um instrumento refinado, feito de bambu e molhado em tinta natural, foi utilizado. Há registros históricos de tribos indígenas que utilizavam agulhas para realizar tatuagens. Até os dias atuais, alguns artistas, especialmente na Ásia, continuam a empregar esse método, conhecido como “Método Tebori” . No entanto, é importante ressaltar que esse processo é notavelmente demorado e doloroso. A técnica exige um alto nível de experiência e paciência por parte do tatuador. Com o tempo, as hastes de madeira foram substituídas por hastes metálicas, reduzindo os riscos de contaminação cruzada.

FIGURA 8 - Tebori - técnica de tatuagem japonesa.



Fonte: tattoo.blog.com.br

FIGURA 9 - Agulhas utilizadas na técnica japonesa tebori.



Fonte: <http://tinyurl.com/boc8h8g>

Em algumas regiões do sul do Pacífico, os instrumentos eram ainda mais rudimentares. A técnica consiste em esticar a pele do indivíduo a ser tatuado, utilizando um instrumento para bater e uma agulha feita de osso ou pedra para fixar o desenho. Frequentemente, a tinta utilizada era à base de carvão, com noz-moscada aplicada sobre as perfurações.

Os tatuadores têm várias maneiras de tatuar: por picadas, incisão, por queimadura ubepidérmica. As conhecidas entre nós são incisivas nos negros que trouxeram a tradição da África e, principalmente, as por picadas que se fazem com três agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, pólvora, acompanhando o desenho prévio. (RIO, 1997, p. 19, grifo nosso).

As substâncias usadas como corantes são: o carvão em pó manganês, tinta ordinária, tinta da China, pólvora reduzida a pó impalpável, o carmim, o vermelhão, o azul da Prússia, verde-esmeralda, o anil, etc. Entre nós a fuligem tem grande emprego e, entre os selvagens, certas tintas vegetais. (SYLOS, 1927, p. 7-8).

A primeira máquina de tatuagem surgiu no século XIX, e ela foi, na verdade, uma adaptação de uma invenção de Thomas Edison destinada a perfurar papel e fixar tinta em uma folha por baixo. Foi Samuel O'Reilly quem inventou uma máquina rotativa, que podia ser controlada em termos de velocidade por um pedal operado pelo próprio tatuador. Com o tempo, surgiram as máquinas de bobina hidráulica, que são amplamente utilizadas hoje em dia devido à sua precisão na execução de movimentos e traços. A história da evolução das máquinas de tatuagem não parou por aí. Nos anos 2000, Carson Hill desenvolveu uma máquina pneumática, movida a gás, o que facilitou a esterilização em aparelhos de desinfecção, cobrindo os riscos associados à tatuagem. Em 2009, a empresa Neuma modificou uma máquina híbrida pneumática-elétrica, equipada com um líquido antimicrobiano que é liberado sempre que as agulhas entram em contato com superfícies ou tinta, fornecendo um nível adicional de segurança e higiene.

Essencialmente, o funcionamento da máquina de tatuagem é baseado na ativação e desativação das bobinas enroladas, que, por sua vez, movem as agulhas através das biqueiras. Esse processo permite que as agulhas perfuram a pele a uma taxa média de duas mil a três mil perfurações por minuto, tornando possível a criação de linhas nítidas e o preenchimento uniforme de áreas extensas em um espaço de tempo mais curto.

2.1.4. Os desenhos – materiais e estilos

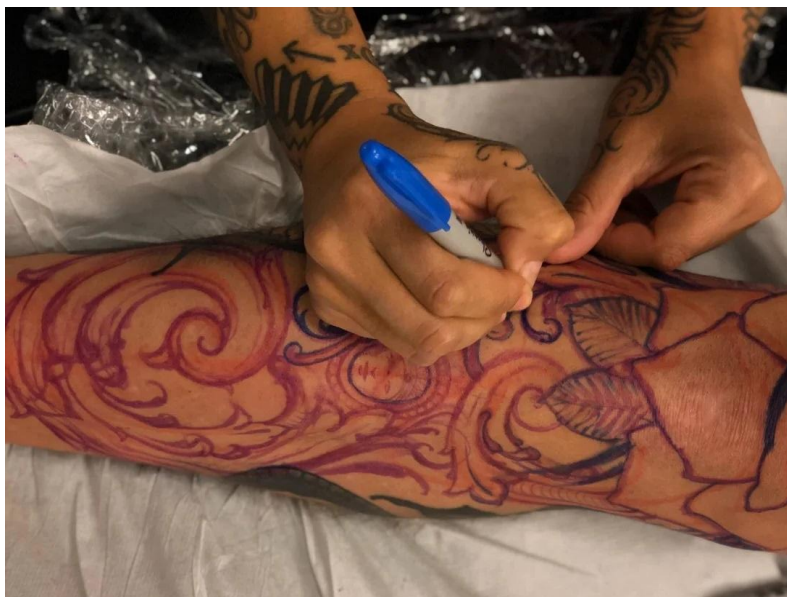
Muitos tatuadores profissionais reservam parte do seu tempo para desenvolver séries de desenhos destinados à tatuagem. Essas séries podem ser apresentadas em exposições, cadernos, revistas ou pastas contendo desenhos

originais, permitindo aos tatuadores exibir sua diversidade de estilos em diversos projetos executados.

Os expositores de desenhos, que podem ser suportes de madeira ou plástico, bem como pastas específicas para armazenar desenhos a serem tatuados, servem como ferramentas para que os clientes possam escolher entre uma variedade de opções de tatuagem. Alguns clientes optam por selecionar desenhos diretamente no estúdio, a partir de séries de desenhos para tatuagens criadas pelo próprio tatuador ou por outros artistas. Outros trazem consigo um desenho ou recorte de revista como referência para o tatuador, permitindo-lhes compartilhar suas ideias e inspirações. Em resposta, o tatuador pode então criar um desenho personalizado baseado nesses elementos.

Além disso, há clientes que preferem que o tatuador desenvolva o desenho diretamente na pele, sem a necessidade de um modelo prévio, utilizando a técnica conhecida como “*freehand tattoo*”. Isso permite uma abordagem mais direcionada e personalizada, onde o tatuador desenha diretamente na pele do cliente, adaptando o design às curvas e contornos específicos do corpo.

FIGURA 10 - Método freehand.



Fonte: <https://www.domestika.org/pt/projects/1312203-freehand-tattoo-su-una-gamba>

Old School (Tradicional)

As tatuagens old school são uma das formas mais tradicionais de arte na tatuagem. Elas têm suas raízes na história inicial de popularização das tatuagens e continuam a ser uma escolha comum entre aqueles que decidem se tatuar. No passado, devido às limitações na disponibilidade de cores, as tatuagens tradicionais eram notavelmente simples em termos de coloração, utilizando predominantemente contornos fortes em preto e dependendo principalmente das cores primárias. São caracterizadas por linhas grossas e cores chapadas, incluindo vermelho, amarelo, verde e azul, com pigmentação intensa. Os desenhos evocam frequentemente a cultura dos marinheiros, apresentando elementos como punhais, âncoras, bóias e pin-ups.

FIGURA 11 - Tatuagem Old School.



Fonte: <https://www.dicasdemulher.com.br/tatuagem-old-school/>

New School

As tatuagens new school são conhecidas por suas cores vibrantes. No entanto, em contraste com o estilo old school, eles incorporam uma gama mais ampla de tons e traços. Essas tatuagens muitas vezes têm temas urbanos que lembram desenhos animados e a arte do graffiti.

FIGURA 12 - Tatuagem New School.



Fonte: <https://twitter.com/blogmarcodamoda/status/1249788692455141376>

Bold Line

As linhas ousadas representam uma fusão entre os estilos old school e new school, com influências da estética de desenhos animados e personagens de quadrinhos. Geralmente, essas tatuagens apresentam traços mais ricos e vibrantes, embora não sejam chapadas.

FIGURA 13 - Tatuagem bold line.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/631066966565766902/>

Neo tradicional

As tatuagens neotradicionais incorporam influências dos desenhos do estilo old school, mas também aproveitam a paleta de cores do estilo new school. Esse estilo mais recente de tatuagem é caracterizado por uma mistura de contornos finos e grossos, juntamente com uma transição suave de cores. Figuras mitológicas e elementos da Art Nouveau, como os trabalhos do artista Alfons Maria Mucha, são frequentemente incorporados às tatuagens neotradicionais.

Tribal

As tatuagens tribais tiveram grande popularidade nos anos 90, especialmente entre surfistas e entusiastas semelhantes. Elas evocam o estilo de desenhos usados por tribos indígenas e civilizações antigas, caracterizados por linhas ou padrões grossos em preto sólido.

Oriental

Este estilo de tatuagem é reconhecido por suas cores vívidas e elementos da cultura japonesa. Ele ganhou notoriedade através da máfia japonesa Yakuza e é marcado por desenhos que frequentemente cobrem todo ou parte do corpo.

Pontilhismo e Geométrico

O estilo de tatuagem pontilhismo é uma evolução de influência tribal e está se tornando popular em todo o mundo. Os desenhos deste estilo possuem poucas linhas, criando limitações nas artes ou sombreados, tudo feito meticulosamente com micro pontos na pele.

As tatuagens geométricas, além do uso do pontilhismo, incorporam formas geométricas em vários padrões e formatos, muitas vezes apresentando ilusões tridimensionais e designs psicodélicos.

Biomecânico

As tatuagens biomecânicas são conhecidas por manipular elementos do corpo humano com elementos da robótica, muitas vezes criando uma ilusão de 3D.

Aquarela

Este estilo de tatuagem é contemporâneo e inspirado nas pinturas em aquarela. É caracterizado pelo uso de cores azul, rosa e roxo que se misturam livremente, muitas vezes ultrapassando os contornos do desenho. Geralmente, essas tatuagens incluem traços pretos, mas também podem apresentar designs delicados e vazados para criar uma arte criativa e deslumbrante na pele.

Blackwork

Uma das tendências mais recentes na tatuagem, as tatuagens em blackwork apresentam características específicas, uso extensivo de pontilhismo e várias técnicas de traços e preenchimento, todos com destaque para a tinta preta.

Lettering

Com influências significativas da arte do graffiti, as tatuagens de lettering são conhecidas pela ornamentação de escritas, criação de fontes e letras na pele.

Realismo e Retrato

Uma característica distintiva desse estilo é a reprodução o mais fiel possível de uma imagem ou fotografia na pele, capturando todos os núcleos e detalhes. O estilo de retrato, por outro lado, envolve a representação realista de rostos de pessoas famosas ou comuns.

Preto e Cinza

Semelhante ao realismo, esse estilo de tatuagem se destaca pelo uso exclusivo das cores preto e cinza, com ênfase em degradês em tons de cinza. Alguns tatuadores usam tinta branca para destacar detalhes e adicionar brilho à tatuagem.

Para além dos estilos clássicos amplamente reconhecidos, novos estilos vêm sendo explorados e desenvolvidos, empregando técnicas similares e incorporando elementos de composição básica do design gráfico, juntamente com métodos criativos adicionais de composição.

2.2. TATUAGEM E IDENTIDADE

O corpo, a identidade e a tatuagem estão em constante diálogo. As transformações na nossa compreensão do que é o corpo influenciam diretamente a nossa concepção de identidade, e vice-versa. Anteriormente, nossas identidades e corpos eram considerados imutáveis, estáticos e firmes, onde qualquer desvio seria visto como anormalidade. Nesse contexto, as marcas corporais eram vistas como expressões dessa anomalia, sinais de desvio utilizados por aqueles que buscavam se afastar da sociedade, marginalizados do convívio comum.

Com base nas ideias de Merleau-Ponty (1964) e Thévoz (1984), é importante lembrar que é através do corpo que os seres humanos se distinguem dos outros seres. O corpo humano é uma entidade simultaneamente sensível e consciente, uma unidade ambígua que reflexivamente conecta sujeito e objeto. É por meio dessa conexão que o ser humano pode revelar a interioridade inesgotável das coisas e de si mesmo, conferindo-lhes sentido e expressividade, estabelecendo assim seu próprio mundo existencial - o mundo da linguagem, do trabalho e da arte, ou seja, o mundo da cultura.

Nesse contexto, a pele desempenha um papel fundamental, pois em todas as suas expressões, o ser humano utiliza seu corpo como um veículo. É na pele, e na capacidade de imprimir significados nela, que inicialmente se manifesta a relação inesgotável e ambígua com sua imagem, ou seja, com sua identidade:

[...] se o homem nasce prematuramente, com uma pele muito fina, muito frágil, muito pura e que, por isso pede uma proteção artificial, esta não é apenas física, mas, sobretudo, simbólica. Quer dizer, ao nascer, o homem fica exposto num duplo sentido: aos perigos, mas também aos olhares. Ele é com toda certeza o único animal que nasce nu e que faz de sua pele uma superfície a pintar - superfície na qual gradualmente se inscreve uma identidade que a tela, epiderme ultrasensível, através da pintura e de toda arte, vai ampliar. (Frayze-Pereira, 2010, p. 48)

A tatuagem pode ser vista como uma das formas mais antigas de expressão artística, estando inseparável de outras organizações simbólicas, como a política e a religião. Assim como as cavernas foram uma das primeiras telas para a arte, a pele humana se apresentou como outra tela primordial, onde as formas são gravadas, permitindo um contato visual com o outro. Essa forma de expressão da identidade é amplamente difundida em nosso dia a dia, à medida que um número cada vez maior de pessoas recorre a essa forma corporal para embelezar seus corpos, deixando marcas que representam suas identificações. Ao entrar no universo dos "tatuados", a importância da simbologia corporal assume uma posição central. Os corpos dos tatuados, com suas expressões ganham vida como esculturas em movimento, cada marca com traços íntimos e pessoais de seus portadores. Ao longo do tempo e de suas próprias jornadas, em um processo contínuo de autodescoberta e autotransformação, esses corpos vão se tornando a síntese do desejo constante de construir uma identidade única.

2.2.1. A construção da identidade

A identidade é um processo contínuo e complexo que se desenvolve ao longo do tempo, de forma inconsciente, e não é algo inato. Ela permanece sempre incompleta, em constante processo de formação. Em vez de considerar a identidade como algo finalizado, é mais apropriado falar em identificação e vê-la como um processo em andamento. A identidade não surge apenas da plenitude interna das pessoas como indivíduos, mas também da falta de totalidade que é preenchida externamente, através das formas nas quais se imagina ser percebida por outros.

Nossa identidade nunca se encontra definitivamente fechada, acabada, pelo contrário, encontra-se em uma constante construção junto a toda a experiência do viver [...] Neste sentido, a prática da tatuagem serve como um cristalizador de uma identidade fugaz, gravando na pele uma relação em prol de uma certeza de particularidades inabaláveis. Os traços, símbolos, desenhos e formas que ganham contornos nos corpos destes sujeitos são uma maneira de imprimir sua constante construção, caracterizando inúmeras narrativas de vidas, momentos, memórias, gostos etc; Cristalizações de narrativas primordiais na edificação do sujeito (DIAS, 2014, p. 84).

As identidades são um processo de construção de significado que possuem uma base cultural, “[...] um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” (CASTELLS, 1999, p.22). A cultura desempenha um papel fundamental na moldagem das identidades, ao conferir sentido às experiências e abrir caminho para a escolha de uma subjetividade específica.

Com o corpo pós-moderno, surgem novos sentidos e significados, vinculados a uma espécie de autonomia corporal. Um exemplo desse fenômeno é o crescente número de pessoas com tatuagens, que ilustra um panorama de um corpo em constante metamorfose, passível de correções, reconstruções e sendo uma forma de expressão do eu.

Nossa realidade é construída através da experiência que o corpo nos proporciona. Esta vivência corpórea é tida como algo incompleto, e o corpo um objeto passível de transformações e remodelamentos que visam sua posse, uma busca pela certeza de que este corpo lhe pertence. Perfuração ou alargamento dos lóbulos auriculares, cortes e pinturas dos cabelos, crescimento ou retirada de pelos, cirurgias plásticas e outras várias modificações corporais; são inúmeras as possibilidades de se fazer presente no mundo (DIAS, 2014, p. 83).

As identidades podem ser compreendidas como um conjunto de características que estruturam a forma como os indivíduos são, fornecendo também um conjunto de sinais pelos quais esses mesmos indivíduos se identificam e são identificados. Esse modo de existir, de perceber a si mesmo, se manifesta no nosso dia a dia.

Assim, a cultura punk, e dentre várias outras manifestações de contracultura, entram no circuito do consumo, transmutando-se em estilo. As marcas corporais sofrem uma mudança de status, são engolidas pela moda, pelos esportes, pela cultura das jovens gerações nascentes, onde “[...] diversificam-se igualmente em uma busca de singularidade pessoal [...]” (LE BRETON, 2003, p. 34).

Nesse sentido, a adesão às modificações corporais também contribui para a idealização dessa identidade, tornando-se um traço que não se pode eliminar na formação do indivíduo que utiliza a tatuagem como uma faceta do seu eu. A proximidade com a prática da tatuagem em nossas vidas também é influenciada por diversas mídias, que desempenham um papel significativo na construção de nossas identidades.

Além dos valores de auto expressão, criatividade e arte presentes entre os controlados das modificações corporais, a busca por construir um novo corpo externo está direcionado para a singularização da identidade de seus portadores, como expressão de uma subjetividade que se forma de maneira distinta. Entendendo assim, que a mudança corporal é um projeto que vai além do aspecto físico, envolvendo também a construção da identidade, ao fornecer uma forma de dar origem a uma nova versão de si mesmo.

“O ato de modificar recorrentemente o corpo implica uma espécie de ensaio identitário constante, enquanto expressão da (re) construção de uma subjetividade que já não se reconhece no corpo que a anuncia, ensaio esse tentado no acolhimento voluntário e mais ou menos consciente das propriedades simbólicas dos objetos que encarna e que tem significado para a pessoa que se modifica.” (FERREIRA, 2008, p. 62).

As condições de vida modernas levam os indivíduos a se partirem com uma ampla gama de escolhas, e uma dessas escolhas está relacionada ao corpo. Um estilo corporal pode ser entendido como um conjunto de práticas mais ou menos integradas que um indivíduo adota, não apenas por razões utilitárias, mas também porque elas constroem uma narrativa única de identidade.

Após serem completamente criadas, as modificações são percebidas pelos indivíduos não apenas como parte essencial de seus corpos, mas também como elementos fundamentais de sua identidade pessoal. O ser e o parecer se entrelaçam de maneira profunda e íntima. Trata-se de participar ativamente na construção da identidade do indivíduo, apoiando e fortalecendo expressivamente a forma como ele define a identidade que deseja assumir diante do olhar externo, assim, o corpo se torna um projeto em constante evolução, que reflete a arte de existir; e o indivíduo utiliza a reflexividade para decidir qual identidade corporal adotará. Na era moderna, o corpo se torna um portador visível das autoidentidades, permanecendo cada vez mais integrado às escolhas individuais do estilo que o sujeito irá assumir. Dessa

forma, o corpo adquire um valor semântico por meio do qual a relação com o mundo é construída, inserindo o indivíduo no cerne do espaço social e cultural. Ele pode se tornar o campo onde os seres humanos se tornam alvo de poder político. Embora muitos busquem se adequar aos padrões de normalidade corporal, a tatuagem é considerada uma forma de resistência à padronização, uma expressão de liberdade sobre si mesmo e uma marca de autonomia sobre o próprio corpo, ao deixar uma marca na pele.

Assim as tatuagens são realizadas como representações que dão significado à existência daqueles que as adotam, servindo como marcadores que situam os indivíduos em suas relações, sejam elas interpessoais ou pessoais. Essas marcas corporais formam uma linguagem que expressa uma variedade de ideias por meio da pele, refletindo as experiências vividas e o contato com essas modificações. Elas se tornam um amálgama necessário para compreender quem se é, portanto, a tatuagem é muito mais do que tinta na pele; é uma forma de arte viva e em constante evolução que reflete as identidades em transformação.

“A tatuagem é uma maneira de mediar a transição dos acontecimentos, de prender os símbolos e criar um ritual para esse momento de mudança, assim, cada marca se torna única, uma forma do indivíduo se diferenciar da maioria, por meio de seus registros singulares, mas mantendo sua individualidade no meio da sociedade, diferente das sociedades tradicionais que usavam os símbolos corporais para criar uma identidade coletiva.”(LE BRETON, 2004, p.172)

2.3. TRAUMAS E ALTERNATIVAS PARA SUPERAÇÃO

Esta seção aborda especificamente os efeitos da tatuagem quando usados com propósitos terapêuticos. Isso engloba pessoas que lidam com cicatrizes provenientes de doenças, violência ou acidentes, bem como marcas relacionadas a traumas. Ser tatuado gera uma intensa sensação de estímulo físico, psicológico, sensorial e perceptivo, sendo considerado também uma opção de tratamento terapêutico. É essencial ressaltar que a tatuagem não é a única forma de terapia para a superação destes traumas métodos, ou a utilizar através de métodos já alcançados. Em vez disso, busca-se fornecer espaço para as narrativas daqueles que escolheram esse tipo de procedimento como um caminho adicional para sua cura pessoal. Nem todas as tatuagens possuem um significado especial para seus portadores, nem todas foram feitas com essa intenção, e até mesmo os próprios

indivíduos tatuados às vezes encontram dificuldades em expressar todos os símbolos e motivações envolvidos. A dissociação que ocorre após um evento traumático é resultado do colapso da consciência e da velocidade dos acontecimentos, o que gera um estado de ansiedade. Esse estado impulsiona o sujeito a repetir a situação traumática na tentativa de obter controle sobre o processo. Em outras palavras, as pessoas que passam por eventos dolorosos procuram criar situações que tornem o inconsciente consciente, buscando assim exercer certo domínio sobre o fato em si ou sobre as memórias que aquilo gerou.

Essa busca por criar histórias que ajudem a curar tais eventos é conhecida como “luto criativo”. Isso permite desvincular a dor e alcançar um estado de sobrevivência, dissipando uma zona cinzenta causada pelo trauma. Seguindo essa lógica, em certos casos, a marca que representa o trauma é feita no mesmo local onde ocorreu a dor. Essa aplicação, de um desenho ou mensagem escolhida pela pessoa pode conferir um novo significado a essas marcas, permitindo que o indivíduo se torne um protagonista de uma experiência diferente, com uma compreensão renovada de sua vida, criando uma nova forma de ser e se relacionar com o mundo.

2.3.1. Um prazer doloroso

“[Eles] buscavam maneiras de recuperar o controle sobre as suas existências criando ritos individuais de passagem capazes de instilar significado no que até então tinha sido uma experiência de destruição sem sentido.” (OTTE, 2007).

Os elementos centrais do ritual de tatuagem são a experiência da dor, o controle e a intimidade envolvida. Pode parecer contraditório, mas a dor passa a ser considerado um meio terapêutico, afinal, a dor do trauma, seja físico ou emocional, é uma dor imposta ao indivíduo, causando sensações de impotência, é um tipo de dor violenta que não permite preparação por parte do indivíduo, já por outro lado, a dor da tatuagem é voluntária, o indivíduo decide submeter-se a ela em seus próprios termos, motivado por suas próprias razões, em um ambiente altamente controlado e com cautela. O controle sobre a dor também representa uma forma de subverter a motivação, envolvendo-a em um ato de autoafirmação. Uma diferença fundamental reside nisso, a pessoa tatuada pode escolher quando experimentar a dor, onde será sentida, por quanto tempo, e até mesmo se pode ser interrompida, assim o processo

torna-se uma prova de resiliência, autocontrole e também uma ferramenta de empoderamento. A experiência de controle e de explorar os limites do próprio corpo dentro de um espaço de conforto é o que confere uma dimensão metafórica a esse processo, envolvendo-o em um símbolo da capacidade de superar adversidades para o indivíduo. Além disso ajuda a liberar uma carga emocional relacionada ao trauma, neste sentido a dor acaba sofrendo uma resignificação pelos indivíduos, gerando uma maneira de lidar com a vida. Transmutando o seu entendimento, criando assim uma nova interpretação do ocorrido. A dor passa a ser vista como um alívio para outras angústias vividas pelos indivíduos, um sofrimento que dá origem não apenas a formas e cores na pele, mas também a um desejo, uma marca escolhida que é impressa de forma indelével em uma parte de si, representando uma imagem desejada e idealizada. A dor presente nesse processo desvia o foco de outras dores mais subjetivas do sujeito, proporcionando uma experiência única que resulta em algo belo e desejado pelo indivíduo, ela se torna metamorfose que se desenha nos corpos. Existe uma relação ambivalente em relação à dor experimentada durante o processo de tatuagem. Há uma ansiedade pelo enfrentamento da dor, assim como pelo desejo de superação, como uma forma de evidenciar para si mesmo que se está à altura desse desafio. Essa experiência é vivenciada como um reforço que valida a identidade escolhida pelo indivíduo.

2.3.2. Identidades resignificadas

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência; É roubar o pouco de bom que vivi.” (Emicida, 2019).

Ao contemplar um corpo marcado por uma experiência traumática, o indivíduo pode reviver, com dor e sofrimento, todo o processo que resultou nessas feridas, tanto físicas quanto psíquicas. Alguns eventos vivenciados caracterizam situações de intensidade avassaladora, com um influxo de excitações tão grandes que ultrapassam a capacidade do sujeito de lidar com elas. Portanto, as cicatrizes podem representar muito mais do que simples marcas no corpo, afetando profundamente a maneira como o sujeito percebe o mundo ao seu redor.

Se formos relacionar a sociedade de hoje em dia, os níveis excessivos de consumo e a preocupação com o corpo trazem consigo sentimentos de desconexão e inadequação em relação à realidade material, envolvendo-o em mais um objeto de

consumo. Se essas questões afetam a sociedade como um todo, o problema se agrava para indivíduos que lidam com traumas, como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, problemas de saúde em geral e dificuldades em recuperar sua autoestima e identidade. Nesse contexto, a tatuagem surge como uma alternativa para muitas vítimas, proporcionando um ritual em que o indivíduo pode construir uma identidade ancorada em si mesmo, não mais definida pelo evento traumático, descrevendo a necessidade de adquirir uma identidade que esteja enraizada no próprio indivíduo, em vez de no evento traumático e/ou no perpetrador da violência. Essa identidade deve ser capaz de conciliar o “eu” antes, durante e depois do trauma em questão, condensando esses elementos em uma entidade única, assim a tatuagem surge como um gesto de auto criação, atuando como um processo terapêutico, pois permite que o indivíduo construa uma identidade coerente, inalterável e autodeterminada.

FIGURA 14 - Tomi fotografa a nova tatuagem de Dinis Sousa. No peito lê-se, a vermelho, "D is for dangerous".



FONTE:Nuno Ferreira Santos (2022)

Todas as modificações realizadas - mesmo que feitas por outras pessoas - são consentidas e deliberadamente decididas pela própria pessoa, e estão enraizadas em si mesmas. Nesse papel, o corpo deixa de ser apenas uma matéria inalterável, e se torna um espaço de transformação que acompanha o indivíduo. É um local transitório, suscetível a mudanças e ressignificações a qualquer momento,

criando um ambiente de metamorfose a partir da quebra dos padrões sociais, mas em consonância com os anseios pessoais de quem está no controle do processo. O corpo se torna a matéria-prima da própria pessoa, permitindo uma transformação em algo novo. Essa reinterpretação contínua possibilita que o indivíduo atribua um novo significado ao seu trauma, seja ele uma cicatriz ou uma marca emocional, e adquira uma “narrativa do corpo, sobre o corpo”. Assim Pietro Marinho Di Francesco (2020) fala sobre seu projeto de cobrir cicatrizes de suicídio:

A importância deste projeto é que as pessoas ao olharem essas cicatrizes, olhem de uma outra forma, olhem para o que está por vir, para o futuro, para o amuleto que está tatuado ali. A tatuagem tem o propósito de transformar os sentimentos de vergonha e culpa, em transformação e força. Acredito que essa atitude ajudará muitas pessoas a superarem seus desafios internos e mostrar um novo sentido para a vida delas, de como o mundo pode ser melhor, mais bonito e que vale a pena ficar vivo (DI FRANCESCO, 2020).

FIGURA 15 - Tatuagem feita em cima de cicatrizes por Mahadevil



FONTE: instagram MAHADEVIL

Através desse processo, existe a oportunidade de reunificar o corpo, unindo o que ele era antes e depois da presença deste trauma, fazendo assim, com que o trauma não represente mais um evento absoluto e definitivo, criando um encerramento deste capítulo criando novas perspectivas sobre o mesmo.

“Considerando que um dos efeitos do trauma é a repetição das situações, existe um poder terapêutico em conseguir, definir esse encerramento e mudança de perspectiva, pois, embora a tatuagem carregue consigo um importante elemento de permanência, o corpo tatuado ainda é capaz de uma certa maleabilidade simbólica, permitindo uma reinterpretação constante possibilitando que o indivíduo ressignifique seu trauma, e portanto crie uma narração do corpo, sobre o corpo .”(Oksanen & Turtainen, 2005, p.121)

Dessa forma, a tatuagem pode se tornar uma maneira de reorganizar eventos e emoções caóticas, trazendo uma sensação de ordem em uma narrativa particular e subjetiva.

2.4. O MOVIMENTO LGBTQIAPN+

As definições do conceito de movimentos sociais têm sido objeto de muitas discussões, especialmente no campo das Ciências Sociais, devido às suas diversas vertentes e ações ao longo da história. O estudo dos movimentos sociais concentra-se em análises sociopolíticas e tem como denominador comum a investigação de problemas coletivos. Em outras palavras, os movimentos sociais utilizam diferentes formas de comunicação para expressar e disseminar questões sociais, muitas vezes relacionadas a grupos marginalizados pela sociedade, e geraram novas perspectivas sobre esses problemas. Temas como o feminismo e questões de gênero, incluindo a luta pela liberdade sexual, a busca pela igualdade étnica, a preocupação ambiental como uma causa política e as mudanças na estrutura familiar e no comportamento estavam entre as bandeiras desses movimentos. Esses movimentos buscavam desafiar normas e valores alcançados, questionando as estruturas de poder existentes e lutando por mudanças significativas na sociedade.

O movimento LGBTQIA+ tem uma longa história de luta por direitos e igualdade. Embora a compreensão e aceitação das identidades LGBTQIA+ tenha evoluído ao longo do tempo, o movimento começou a ganhar força no final do século XIX e início do século XX.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001, p.546)

Durante a primeira metade do século XX, a percepção e a compreensão contra pessoas LGBTQ+ foram generalizadas. A homossexualidade era considerada uma doença mental e criminalizada em muitos países. Após o período de estresse da Segunda Guerra Mundial, o movimento de luta pelos direitos LGBTQ+ passou por reflexões impulsionadas por mudanças nas políticas públicas voltadas para essa comunidade.

Nos anos 1960 e 1970, o movimento LGBTQ+ ganhou mais visibilidade e começou a se expandir globalmente. O episódio de revolta de Stonewall, ocorrido em Nova York em 1969, foi um marco importante. Naquele local, frequentado majoritariamente por indivíduos LGBTQ+, ocorreu um confronto com a polícia, que frequentemente realizava prisões arbitrárias, perseguições, humilhações e exposições. A noite de revolta foi seguida por cinco dias intensos de conflitos violentos entre a comunidade, composta em sua maioria por homossexuais, incluindo travestis e garotos de programa contra seus opressores. Esse evento desencadeou uma série de revoltas e passeatas nos anos seguintes, marcando o início dos primeiros movimentos LGBTQ+ tanto no Brasil como no mundo.

FIGURA 16 - Foto da noite de 28 de Junho de 1969, noite que iniciou a rebelião de Stonewall.



FONTE: <https://draglicious.com.br/2018/06/19/a-revolta-de-stonewall/>

Neste mesmo período nos anos de 1970, no meio à ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), o movimento LGBTQ+ começou a se desenvolver. Como forma de resistência, o movimento passou a produzir publicações alternativas para a comunidade LGBT. Entre essas publicações, destacam-se dois jornais em particular: *Lampião da Esquina* e *ChanacomChana*. Esses periódicos cumpriram um papel importante ao fornecer uma voz e uma plataforma de comunicação para o movimento LGBT, abordando questões relevantes, compartilhando experiências e promovendo a visibilidade e o engajamento da comunidade.

Na década de 1980, a comunidade LGBT gerou uma grande adversidade. Em todo o mundo, uma epidemia do vírus HIV levou à morte de muitas pessoas, incluindo membros da comunidade LGBT, e teve um impacto significativo nas organizações políticas do movimento. A síndrome trouxe um estigma renovado para a comunidade, que passou a ser vista como portadora e transmissora de uma doença incurável, então denominada “câncer gay”. Esse período foi desafiador para o movimento LGBTQ+, pois além de lidar com a opressão social, causou também o estigma associado à epidemia do HIV, no entanto, a doença afetou desproporcionalmente a comunidade e causou uma resposta de ativismo e conscientização sobre os direitos das pessoas LGBTQIA+. Organizações como ACT UP (Coalizão da Ação para Suspender a AIDS) emergiram e pressionaram por

melhores cuidados de saúde, tratamento e prevenção da doença. É importante ressaltar que essas políticas públicas relacionadas ao movimento LGBTQ+ só foram integradas após um escândalo midiático e o medo da classe média, predominantemente branca e heterossexual, de ser infectada pelo vírus.

O Brasil ainda é o país onde mais se mata LGBTQ+ no mundo, além de possuir um dos índices mais altos de violência contra a comunidade. Segundo a agência Brasil (2023), Dados preliminares de 2023, divulgados no relatório, revelam que nos primeiros quatro meses do ano foram registrados 80 assassinatos de pessoas LGBTI+, sendo que a população de travestis e mulheres trans representa 62,50% do total de mortes (50); os gays, 32,5% dos casos (26 mortes); homens trans e pessoas transmasculinas, 2,5% (duas mortes); e mulheres lésbicas, 2,5% (duas mortes). De acordo com a organização, no período de 2000 a 2022, foram registradas 5.635 mortes decorrentes do “preconceito e da intolerância por parte da população, bem como da negligência das autoridades responsáveis pela implementação de políticas públicas eficazes para combater os casos de violência”. Também segundo agência Brasil (2023), mencionou que uma pessoa LGBTQ+ é assassinada a cada 32 horas.

Nos últimos anos, o movimento LGBTQ+ alcançou diversas conquistas, muitas delas impulsionadas por manifestações populares. Um exemplo notável é a Parada do Orgulho LGBT, que teve início no Brasil em 1995 e atualmente é considerada a maior manifestação desse tipo, não apenas no país, mas também uma das maiores do mundo, com destaque para o evento realizado em São Paulo.

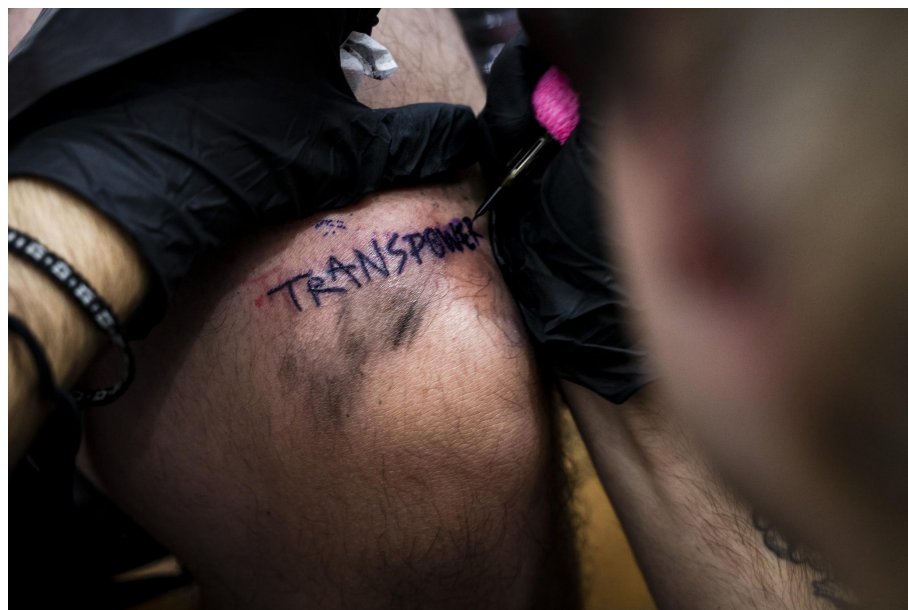
No entanto, é importante ressaltar que ainda existem desafios e lutas contínuas em muitas partes do mundo, há uma demanda por direitos à liberdade, segurança pessoal e igualdade, visando à plena inclusão na sociedade. Essas mobilizações estão desempenhando um papel fundamental na conscientização, na luta por direitos e na criação de um ambiente mais inclusivo e igualitário.

2.4.1. A tatuagem como pluralidade

para tomar o controle do próprio corpo”, para se “sentir mais em casa”, “Pensei: este corpo é meu, posso mudá-lo para sentir que lhe pertença. E adoro poder dar isso a outras pessoas. (ELIAS, Site PÚBLICO, 2022)

Nos dias de hoje, a tatuagem queer se tornou um poderoso meio de expressão e afirmação da identidade LGBTQ+. Essa forma de arte corporal transcende as fronteiras tradicionais, permitindo que indivíduos queer manifestem sua sexualidade, gênero e pertencimento à comunidade de maneira visualmente impactante e pessoal. A tatuagem sempre foi uma forma de comunicação e autodescoberta. No contexto queer, ela desempenha um papel ainda mais significativo, pois oferece uma plataforma para que pessoas LGBTQ+ reivindiquem suas identidades, celebrem sua pluralidade e expressem suas lutas e triunfos. A tatuagem queer é uma forma de resistência, representando uma afirmação visível e permanente de quem você é. Uma característica distintiva da tatuagem queer é sua natureza inclusiva e abrangente. Ela acolhe todas as identidades dentro do espectro LGBTQ+, abraçando a pluralidade de gênero, orientação sexual e experiências pessoais. Cada tatuagem queer é única e carrega um significado pessoal profundo, refletindo a jornada individual de cada pessoa. Além de sua importância individual, a tatuagem queer também possui um valor coletivo. Ela ajuda a criar uma comunidade de apoio e solidariedade, conectando pessoas com experiências semelhantes e permitindo que elas se reconheçam e se apoiem mutuamente. Ao exibir tatuagens queer, os indivíduos enviam uma mensagem de pertencimento e de que não estão sozinhos em sua jornada. A tatuagem queer também desafia os estereótipos e normas sociais, oferecendo uma forma de resistência artística contra a opressão e o preconceito. Ela permite que as pessoas queer assumam o controle sobre seus próprios corpos e narrativas, rejeitando a ideia de que existem formas "corretas" de se expressar e viver sua sexualidade ou identidade de gênero. No entanto, é importante reconhecer que a tatuagem queer não é uma escolha universal para todas as pessoas LGBTQ+. Cada indivíduo tem sua própria maneira de se expressar e afirmar sua identidade, e a tatuagem é apenas uma opção entre muitos. A liberdade de escolha é fundamental para que todos possam se sentir autênticos e empoderados em relação às suas próprias decisões. Em suma, a tatuagem queer representa uma poderosa ferramenta de expressão e afirmação para a comunidade LGBTQ+. Ela oferece uma forma visível e duradoura de celebrar a diversidade, criar conexões e desafiar as normas sociais. Ao adotar essa forma de arte corporal, as pessoas queer estão moldando uma narrativa própria, repleta de significado pessoal e coletivo. A tatuagem queer é uma afirmação audaciosa de orgulho, resistência e amor próprio.

FIGURA 17 - Tatuagem feita nas pernas de Dinis, em português: Poder Trans.



FONTE: Nuno Ferreira Santos (2022)

2.5. DESIGN ATIVISTA

A prática do ativismo, incluindo o design ativista, abrange uma variedade de temas sociais, ambientais e políticos, e é realizada tanto por coletivos quanto por ações individuais. Por meio de manifestos, manifestações, produções e materiais diversos, o objetivo principal é dar visibilidade à mensagem e ao tema em questão, buscando criar conscientização, promover mudanças e engajar a sociedade em questões relevantes. O design ativista desempenha um papel crucial ao ampliar vozes, destacar problemas e desafiar estruturas de poder, confiando para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Afinal o conceito de ativismo é: Transformação da realidade por meio da ação prática; efetivação dessa doutrina ou dessa argumentação, através da defesa de uma causa ou da transformação da sociedade por meio da ação e não da especulação.

Ao levar em consideração as práticas sociais e democráticas, bem como as realidades sociais do país e da cultura popular, tanto no centro quanto nas periferias, o projeto de design - qualquer que seja - deve considerar as vivências, demandas, necessidades e desejos dos usuários. Essa abordagem valoriza a história e a cultura local, promovendo um pensamento de projeto de design mais humanizado e empático em relação ao outro. É importante desenvolver um design que esteja enraizado na realidade das pessoas, levando em conta suas experiências e

contextos socioculturais. Ao fazer isso, busca-se criar soluções que sejam oficiais e relevantes para os usuários, promovendo uma maior conexão entre o design e as comunidades a que ele se destina.

O estudo das construções identitárias e a compreensão dos sistemas nos quais elas se estabelecem são elementos essenciais para uma prática de design comprometida socialmente e com um papel ativo na sociedade. É fundamental ir além dos padrões, explorando as diversas formas de expressão e experiências individuais.

Ao considerar essas construções identitárias, o design tem o poder de impactar positivamente a maneira como as pessoas se percebem, se relacionam e interagem com o mundo ao seu redor. Assim, o design socialmente comprometido desempenha um papel significativo na promoção da diversidade, inclusão e valorização das diversas identidades. Dessa forma, o design pode se tornar uma poderosa ferramenta para apoiar mudanças sociais, exercendo um papel significativo na promoção da pluralidade, inclusão e valorização das diferentes identidades presentes na sociedade. Para Thorpe (2011), conceitua Design Ativista em quatro critérios:

1. Publicamente revela um problema ou questões desafiadoras;
2. Contém/faz reivindicações por mudanças baseadas em um problema ou questão;
3. É feito para grupos excluídos, negligenciados ou minorias sociais;
4. Interrompe as práticas de rotina, ou sistemas de autoridade, que lhe conferem a característica de serem não convencionais - fora dos canais tradicionais de comunicação.

Assim, de acordo com o estudo, o design ativista desempenha um papel fundamental no contexto do movimento LGBTQ+ e sua relação com a prática da tatuagem. A tatuagem, como forma de expressão e arte corporal, tem sido utilizada como uma ferramenta poderosa para a afirmação de identidades, o empoderamento individual e a visibilidade da comunidade LGBTQ+. No movimento LGBTQ+, a tatuagem desafia normas e estereótipos, permitindo que as pessoas expressem sua orientação sexual, identidade de gênero e pertencimento à comunidade. As tatuagens LGBTQ+ são carregadas de simbolismo, muitas vezes incorporando

símbolos como o triângulo rosa, que remetem à história de resistência e luta pelos direitos da comunidade. Essas tatuagens podem transmitir mensagens de orgulho, amor próprio, além de funcionarem como uma forma de criar conexões e solidariedade entre os membros da comunidade, busca-se criar consciência e estimular a reflexão sobre as questões enfrentadas pela comunidade LGBTQ+, além de promover a igualdade e a aceitação.

No entanto, é importante ressaltar que o design ativista no contexto da tatuagem LGBTQ+ não se limita apenas à representação visual. Ele também envolve ações concretas, como eventos de arrecadação de fundos para organizações LGBTQ+ e projetos de conscientização sobre saúde e segurança na prática da tatuagem. Além disso, os tatuadores também desempenham um papel crucial, ao criar um ambiente acolhedor e seguro para as pessoas LGBTQ+ expressarem suas identidades por meio da tatuagem. Segundo Elias (2022):

Quando há um estranho a tatuar o teu corpo, a tocar-te e mover-te, é tudo muito íntimo. Vais estar naquele espaço durante algum tempo e queres ter a certeza de que é aceite. Por isso é importante que existam espaços onde nos sentimos seguros, confortáveis conosco mesmos. De outra forma, pode tornar-se uma experiência muito má (Lanham, p.1, 2022).

Por vezes, bastam as “perguntas desconfortáveis”, ainda que inocentes. “É bom que queiram aprender, mas não quero ser sempre o educador. É cansativo”, concordam. “Num espaço de pessoas queer, ser trans não é assunto, todos percebem” — mesmo se virem uma cicatriz no peito de um homem ou uma maçã-de-adão no pescoço de uma mulher (Lanham, p.1, 2022).

2.6. COCRIAÇÃO

A cocriação é um conceito que descreve um processo colaborativo em várias partes interessadas, como clientes, empresas, comunidades e outras instituições, trabalham juntas para criar, inovar ou aprimorar produtos, serviços, ideias ou soluções. É uma abordagem que se concentra na participação ativa e na colaboração de diversas perspectivas e habilidades, para alcançar um objetivo comum. As chances de o projeto atender as expectativas do público-alvo são maiores com a realização dessa etapa. A cocriação tem sido amplamente aplicada em campos, desde negócios e design até ciência e tecnologia, e é vista como uma maneira eficaz de gerar valor, promover a inovação e atender várias necessidades do mercado de forma mais precisa. Neste processo, a participação ativa de todas as

partes interessadas é fundamental, e a colaboração aberta é incentivada. As partes interessadas compartilham ideias, insights, recursos e expertise de forma transparente, facilitando a troca de informações e o desenvolvimento de um conjunto de soluções. A cocriação é frequentemente usada como uma ferramenta para contribuir para a inovação, permitindo que diferentes perspectivas contribuam com novas ideias e abordagens. Isso pode resultar em produtos, serviços ou soluções mais inovadores e adaptados às necessidades do mercado. Além disso, a cocriação muitas vezes leva à criação de valor compartilhado, onde todas as partes envolvidas se beneficiam de maneira significativa. Os clientes recebem produtos ou serviços mais alinhados com suas necessidades, as empresas obtêm insights importantes e melhoram a satisfação do cliente, e as comunidades veem soluções que abordam problemas locais. A cocriação é uma abordagem flexível e aplicável em diversos setores, incluindo design de produtos, inovação de serviços, pesquisa científica, planejamento urbano, desenvolvimento de software e muito mais. No entanto, também apresenta desafios, como a gestão das expectativas das partes interessadas, a proteção da propriedade intelectual e a coordenação de colaboradores diversos. Quando esses desafios são bem gerenciados, a cocriação pode resultar em benefícios substanciais para todas as partes envolvidas. Em resumo, a cocriação é uma abordagem poderosa que se baseia na colaboração e na participação ativa de várias partes interessadas para gerar inovação, criar valor compartilhado e atender às necessidades do mercado de maneira mais eficaz. Ela tem o potencial de transformar a maneira como produtos, serviços e soluções são desenvolvidos e oferecidos, tornando-os mais relevantes e alinhados com as expectativas dos usuários e da sociedade como um todo.

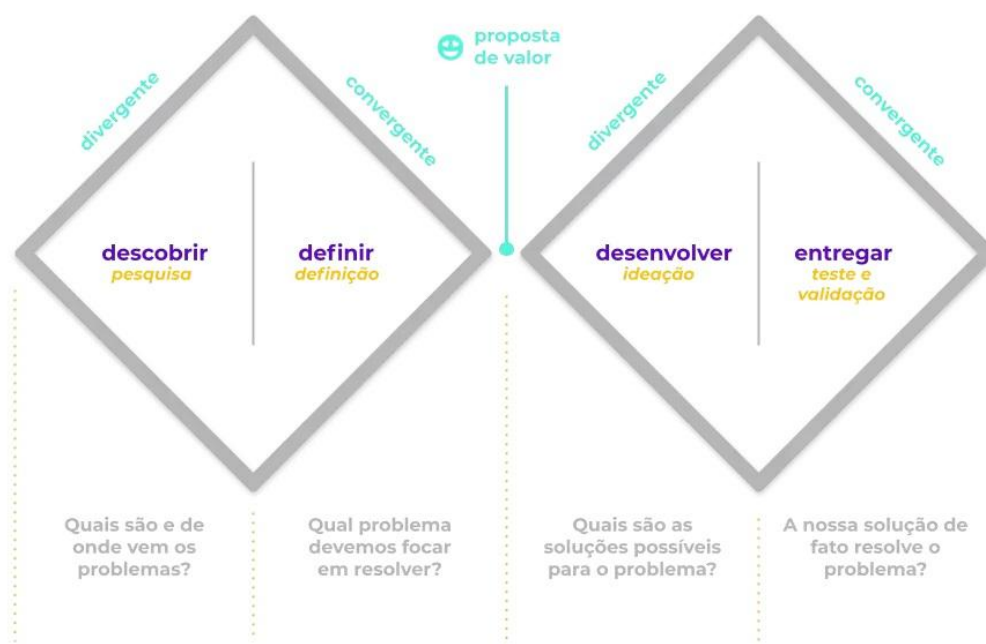
3. METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa integra as contribuições teóricas de Mirian Goldenberg (1997) para pesquisa qualitativa de campo, Ellen Lupton (2013, 2020) com sua abordagem em Design Centrado no Usuário e Design Como Storytelling para a organização das ferramentas de pesquisa e projeto, e as abordagens de Lara Penin (2018) e Dan Nessler (2018) para a estruturação das etapas projetuais utilizando o modelo Double Diamond, onde dentro de cada etapa, estão incorporadas diversas ferramentas que desempenham um papel crucial na geração de resultados. O processo de execução será orientado, em geral, pelo método de Design Estratégico, que se destaca por sua abordagem colaborativa e orientada para o usuário, envolvendo a atividade da empresa, o designer e o público-alvo.

Para a pesquisa qualitativa de campo, inspirada em Mirian Goldenberg (1997), será adotada uma abordagem que envolve experiência e interação direta com o sujeito da pesquisa. Por meio de entrevistas, observações participantes e análise de casos, buscamos compreender as experiências e significados relacionados à prática da tatuagem, assim como o papel das tatuagens na construção das identidades corporalmente contemporâneas. Em relação à organização das ferramentas de pesquisa e projeto, terá a abordagem de Ellen Lupton (2013, 2020), que enfatiza o Design Centrado no Usuário e o Design Como Storytelling. Isso envolverá a aplicação de técnicas de pesquisa, definição do problema, geração de ideias e criação de formas. Além disso, o uso de ferramentas de design, como mapas de empatia e personas, auxiliará na compreensão das necessidades e desejos dos usuários envolvidos no estudo.

Para a estruturação das etapas projetuais, foi adotada a metodologia de Lara Penin (2018) e Dan Nessler (2018) por meio da ferramenta Double Diamond. Esse modelo propõe uma abordagem em que as fases de descoberta e pesquisa são seguidas pela fase de definição e concepção, e, posteriormente, pela fase de desenvolvimento e implementação. Essa estrutura permitirá uma sequência lógica e estruturada das atividades, desde a coleta de dados até a elaboração de soluções e estratégias relacionadas à prática da tatuagem.

FIGURA 18- Double Diamond



Fonte: PM3 (2022)

Assim, a metodologia adotada proporciona uma abordagem abrangente e enriquecedora para a coleta de dados, análise e desenvolvimento de soluções relacionadas à prática da tatuagem e sua interação com o projeto.

Levando em conta todos os termos, métodos e ferramentas apresentadas anteriormente, foi criado o seguinte quadro, que sintetiza os processos e apresenta as fases de construção do projeto.

QUADRO 1: Processo de execução do projeto

1ª ETAPA: DESCOBRIR	2ª ETAPA: DEFINIR	3ª ETAPA: DESENVOLVER	4ª ETAPA: ENTREGAR
Pesquisa I 1.Estudo de caso 2.Análise de marcas 3.Pesquisa qualitativa Pesquisa II 1. Análise visual 2.Análise de serviço 3,Análise de produto Personas	Briefing 1.O que será feito? 2.Por que será feito? 3,Onde será feito? 4.Quando? 5,Por quem será feito? 6,Como será feito?	Desenvolvimento marca 1,Mapa mental / estrutura 2.Naming 3.Criação de formas 4.Identidade visual 5.Elementos 5.1.Cores 5.2.Tipografia 5.3.Símbolo Desenvolvimento serviço 1,Mapa de expectativa 2.Blueprint 3.Canvas Desenvolvimento produto 1,Ecobag Criação de forma	Design de marca 1,MIV 1.2.Pontos de contato Design de serviço 1,Direcionamento criativo 2.Mentorias 3.Rede de parceiros Design de produto 1,Mochila

Fonte: Autor (2023)

3.1. PESQUISA QUALITATIVA

Durante o projeto, foram conduzidas algumas entrevistas com tatuadores para compreender suas perspectivas e técnicas, porém houve pouco retorno das mesmas. Dentre um dos poucos retornos, uma entrevista se destacou pela profundidade das respostas, revelando insights valiosos sobre a tatuagem como forma de expressão. As respostas desse tatuador ofereceram uma visão mais aprofundada sobre os desafios e inovações no campo. Além disso, duas outras entrevistas foram conduzidas, proporcionando encaminhamentos significativos sobre abordagens únicas e estilos distintos de tatuagem, enriquecendo ainda mais o projeto num todo.

3.1.1 Entrevista com Andre Costa - Diaba tattoo

Andre Costa em entrevista menciona: Ao longo dos meus 10 anos de experiência nesta área desde o início da minha carreira, tenho observado que a representação da cultura na tatuagem permanece predominantemente heteronormativa. A missão do nosso estúdio transcende a simples prática de tatuar; ela se concentra em redefinir essa perspectiva enraizada. Essa busca contínua por redefinição é um componente essencial do nosso processo criativo, no qual buscamos referências tanto de fontes auto-referentes quanto de meios diversos. A tatuagem, apesar de sua designação tradicional, exerce um papel cultural de grande impacto, influenciando e ampliando os repertórios artísticos e sociais.

Explorar temas relacionados à comunidade LGBTQIA+ em um país onde a violência é mais prevalente do que muitos imaginam representa um desafio significativo. No entanto, é notável uma crescente incidência de movimentos dedicados a abordar essas questões em São Paulo, a maior cidade do Brasil. Nesse contexto, meu público principal é constituído por gays brancos de classe média, ressaltando a complexidade e diversidade desse cenário. A tatuagem é uma forma de expressão profundamente pessoal, pois permanecerá na pele para sempre. Sendo gay, sinto-me mais seguro e tranquilo quando sou tatuado por alguém da comunidade LGBTQIA+. Essa preferência é motivada, em parte, pela persistência da homofobia, um aspecto infelizmente presente em nossa sociedade, mesmo em um contexto de expressão artística e individualidade tão íntimo como a tatuagem.

3.1.2. Entrevista They Tattoo

Em uma conversa franca, Elias e Tomi compartilham suas experiências únicas e íntimas, revelando que o início de suas jornadas envolveu a decisão de se tatuar como uma forma de se sentir "em casa" em seus próprios corpos, antes mesmo das etapas de hormonização e cirurgias. Agora, à frente do They Tattoo, encontramos significado em tatuar outros, na esperança de proporcionar a mesma sensação de pertencimento. Dentro do estúdio, enquanto as quatro agulhas da máquina mergulhavam na pele de Dinis Sousa, ele repete, quase como um mantra pessoal, que "não dói, nem sinto". Uma atitude que ecoa os momentos em que questionavam sobre sua transição de gênero, terapia hormonal e cirurgias. Colegas de trabalho, preocupados, indagavam sobre a dificuldade do processo, mas a resposta de Dinis era sempre um sorriso, focando no presente e no bem-estar atual.

Refletindo sobre a intimidação do ato de ser tatuado por um estranho, Elias destaca a importância de criar espaços seguros e confortáveis. "Quando alguém começa a tatuar seu corpo, é uma experiência muito íntima. Você estará naquele espaço por algum tempo e quer ter certeza de que está bem", compartilha. Para Tomi, a transformação do próprio corpo foi uma afirmação poderosa de posse e pertencimento, uma sensação que eles agora gostam de compartilhar com outras pessoas. Assim, esta entrevista revela não apenas as histórias individuais, mas também a dedicação de Elias e Tomi em fornecer não apenas tatuagens, mas uma experiência significativa e segura para aqueles que buscam expressar seu alcance através da arte corporal.

3.1.3. Entrevista MahaDevil

Pietro Marinho em entrevista menciona: Ao interagir com clientes e amigos, minha abordagem profissional transcende a mera criação de tatuagens, transformando-se em um processo enriquecido de significado, força e poder. Este trabalho é guiado por princípios de escuta atenta e cura, inspirados na medicina indígena e espiritualidade. A motivação para este projeto vem da minha experiência pessoal, que mesmo com tais não me limito a criar uma obra de arte sobre uma cicatriz apenas para dar-lhe um novo significado. Eu mergulho até a raiz das memórias, das mágoas, dos ressentimentos e da criança interior. Compreendo a

origem daquela marca e, a partir desse entendimento, comprometo-me a erradicar o mal desde a sua fonte.”

A escolha de uma arte não apaga os acontecimentos passados, mas proporciona uma nova oportunidade para que uma pessoa expresse o seu sofrimento. Neste contexto, o tatuador desempenha o papel de ouvinte dessas histórias, propondo um olhar renovador e compassivo para cada uma delas. Pietro enfatiza que a automutilação não é frescura, a depressão e a ansiedade não são fingimento. A mensagem que ele tenta passar para as pessoas é que esses sentimentos são um estado mutável. É necessário quebrar o elo com o passado, parar de sofrer pelo futuro e começar a viver o hoje de forma plena.

3.2. BENCHMARKING

No cenário contemporâneo, onde a diversidade e a inclusão são fundamentais, os estúdios de tatuagem surgem como espaços de expressão individual e comunitário, portanto a seguir serão analisadas iniciativas e projetos relacionados tanto à tatuagem, cocriação como também ao movimento LGBTQIAPN+, como forma inicial de inspiração para a elaboração deste projeto, onde entre esses, o Diaba Tattoo se destaca como uma referência singular, concentrando seus esforços no acolhimento da comunidade LGBTQIA+. Sob a égide da inclusão, o estúdio inova ao sediar a "Oficina Diaba" em datas específicas. Este evento notável reúne tatuadores de diversas regiões, com especial ênfase em profissionais LGBTQIA+, que se reúnem para atender clientes agendados e promover a divulgação de seus trabalhos. Junto ao Diaba Tattoo, o They Tattoo surge como um protagonista na busca por proporcionar uma experiência tatuística única. O foco é a criação de um espaço onde cada pessoa se sinta genuinamente “em casa” em seu próprio corpo. Com uma visão clara de construir um ambiente queer e trans, o They Tattoo procura não apenas tatuar, mas também cultivar um local confortável para que indivíduos LGBTQIA+ possam expressar-se livremente. Além disso, a colaboração com outros artistas que se destacam como parte integrante de sua missão.

Ao expandir o âmbito deste benchmarking, adentramos o território da Casa Aquário, um atelier inovador que transcende os limites de forma intencional. Projetada para abrigar artistas e tatuadores, a Casa Aquario surge como um

epicentro criativo. Sua proposta reside na criação de um espaço onde a diversidade artística floresce, refletindo a pluralidade de vozes e expressões presentes na comunidade.

3.2.1. Diaba tattoo

O Diaba Tattoo surge como uma proposta de expressão tentando romper com as tatuagens tradicionais, fundado em 2021 pelo ilustrador e tatuador, André Costa. Com uma década de experiência no ramo da tatuagem, André decidiu canalizar sua criatividade de maneira ousada, criando um estúdio que vai além dos limites convencionais. O Diaba Tattoo não é apenas um espaço para tatuagens; é uma celebração de diversidade, arte e comunidade.

Ao abrir as portas do estúdio, André se tornou pioneiro, sendo o único tatuador gay que conheceu na época. Sua jornada artística transcende as fronteiras tradicionais da tatuagem, incorporando influências de diversas linguagens. Essa abordagem eclética deu origem ao Diaba Tattoo, um estúdio com um compromisso especial com a comunidade LGBTQIA+.

O estúdio oferece as “Oficinas Diaba”, eventos especiais onde tatuadores de diferentes regiões, especialmente profissionais LGBTQIA+, frequentam o estúdio como guests. Nessas datas específicas, o estúdio se transforma em um espaço de intercâmbio, onde os artistas atendem clientes agendados, divulgam suas obras e fortalecem conexões profissionais.

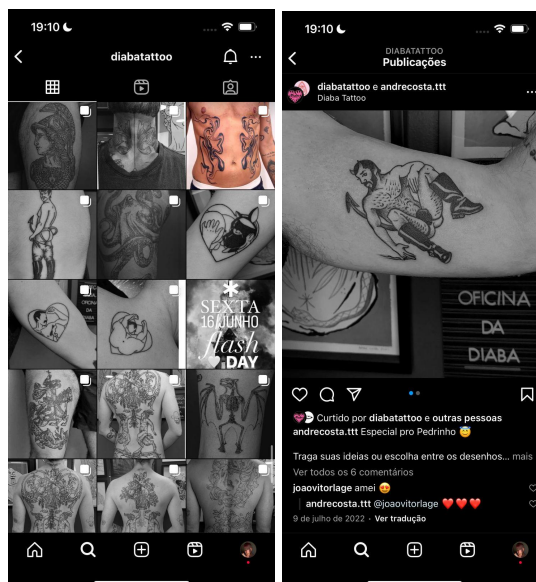
Figura 19- Logotipo Diaba Tattoo



Fonte: instagram (2023)

O logo do Diaba é uma síntese de fonte e ilustração, refletindo a essência provocadora do estúdio. Com uma paleta de cores composta por rosa e preto, inspirada no estilo de tatuagem de André, que busca explorar uma temática mais erótica, desafiando os clichês convencionais. O foco em corpos diversos, especialmente masculinos, cria uma narrativa visual que desafia normas e provoca reflexões sobre as percepções contemporâneas. O principal palco para as obras do Diaba Tattoo é o Instagram, onde o estúdio divulga seu trabalho, predominantemente em preto e branco, pontuado ocasionalmente por tom de rosa específico. O tom de voz divulgado nas redes sociais reflete um compromisso inabalável com questões externas à comunidade LGBTQIAPN+ e outras minorias.

Figura 20- Instagram Diaba Tattoo



Fonte: instagram (2023)

Assim, o Diaba Tattoo não é apenas um estúdio de tatuagem; é uma celebração vibrante da diversidade, um testemunho audacioso da expressão pessoal, abraçando a singularidade de cada indivíduo que busca marcar sua pele.

3.2.2. They tattoo

Na Baixa de Lisboa, ergue-se um espaço único e acolhedor: o They Tattoo, um estúdio de tatuagens fundado por Elias Lanham e Tomi Ezra. Mais do que um simples local para marcar a pele, o They Tattoo é um verdadeiro local de

empoderamento queer, um espaço projetado para que todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, se sintam em casa em seus próprios corpos.

O nome “They Tattoo” não é apenas uma escolha linguística, mas uma declaração de interesse. O termo “they” (“eles” em inglês) é um pronome utilizado por algumas pessoas queer e não-binárias, estabelecendo um compromisso com a inclusão e o respeito pela diversidade de identidades de gênero. O nome, originado de uma brincadeira aparentemente não relacionada com questões de gênero, torna-se uma bandeira visível de um espaço seguro e acolhedor. Ao entrar no estúdio, os clientes são recebidos por uma atmosfera inclusiva. O local reflete o compromisso do They Tattoo em criar um ambiente onde todas as formas de expressão sejam celebradas. O estúdio se tornou mais do que um lugar para fazer tatuagens; é um espaço onde a diversidade é celebrada e a individualidade é valorizada.

Figura 21- Logo they tattoo

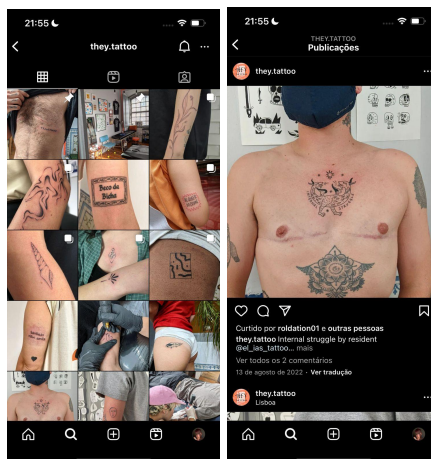


Fonte: instagram (2023)

As fotografias compartilhadas pela marca nas redes sociais são bem artesanais. O feed do They Tattoo é composto principalmente por imagens captadas no estúdio. Essas fotos não servem apenas como um portfólio, mas também como uma janela para o universo acolhedor do They Tattoo. É através dessas imagens

artesanalais que a marca comunica sua dedicação à criação de um espaço onde as pessoas LGBTQIA+ se sentem não apenas aceitas, mas celebradas.

FIGURA 22- Instagram they tattoo



Fonte: instagram (2023)

O They Tattoo não é apenas um estúdio de tatuagens, mas uma comunidade em si. O estúdio adota a prática de receber guests (convidados), oferecendo uma oportunidade de troca de experiências e networking. Essa colaboração não apenas enriquece a atmosfera do estúdio, mas também contribui para a divulgação das artes e para a ampliação da clientela. E foi assim que um dos sócios do estúdio aprendeu a tatuar, onde num primeiro contato chegou para ser tatuado, depois, para aprender a tatuar, assim sucessivamente com este método mais corpos queer de forma muito natural começaram a participar do estúdio. No âmago do They Tattoo é uma afirmação fundamental de que a arte da tatuagem vai além do simples ato de marcar a pele. É uma forma de empoderamento, uma celebração da individualidade e uma expressão autêntica de identidade. Neste estúdio, a tinta não apenas transforma a pele, mas também cria uma marca de inclusão, respeito e amor-próprio.

3.2.3. Casa Aquário

Em meio à efervescência cultural de São Paulo, surge a Casa Aquário, um ateliê de tatuagem que vai além do convencional, transformando-se em um ponto de convergência para tatuadores independentes. Fundada com a visão ousada de

fornecer um espaço acessível e colaborativo, a Casa Aquário não é apenas um estúdio de tatuagem, mas um ambiente vibrante de expressão artística e networking.

O primeiro ponto a ser considerado é o fato do logo ser apenas composto por ilustração. No caso da Casa Aquário, a ilustração é autoexplicativa, remetendo literalmente a uma casa e a um aquário.

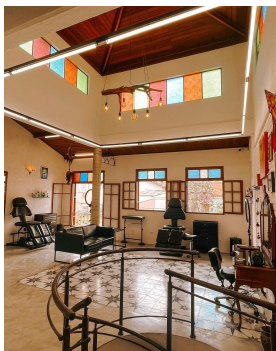
FIGURA 23- logo Casa Aquário



Fonte: Instagram (2023)

A casa funciona praticamente por meio da cocriação, abrindo suas portas para tatuadores independentes alugarem o espaço e exercerem sua arte. A prática de receber guests, tornou-se uma marca registrada, uma oportunidade para tatuadores de diversas regiões compartilharem suas habilidades, promoverem suas obras e estabelecerem conexões valiosas na comunidade artística. Esse modelo não apenas diversifica o portfólio do atelier, mas também abre portas para aqueles que, de outra forma, não têm a chance de ter seu próprio espaço.

FIGURA 24- espaço para tatuadores



Fonte: instagram (2023)

A Casa Aquário não se limita ao mundo da tatuagem. Expandindo-se para além das agulhas e tintas, o espaço oferece feiras e eventos que prevêm uma vitrine para a venda de produtos artísticos e a exposição de trabalhos variados. Esses eventos não apenas enriquecem a experiência dos visitantes, mas também fortalecem os laços entre artistas e admiradores, criando um ambiente sonoro e colaborativo.

Além disso, o atelier abriga uma charmosa cafeteria, transformando o espaço em um ponto de encontro para amantes da arte e da cultura. É um local onde as conversas fluem tão livremente quanto a tinta nas agulhas dos tatuadores. A cafeteria não é apenas um complemento; é uma extensão da casa, incentivando a comunidade a se reunir, trocar ideias e celebrar a diversidade artística. A Casa Aquário não para por aí. O atelier conta com uma extensão chamada Casa Aquário Cultural. Esta extensão da marca serve para a divulgação de shows, eventos e workshops, não apenas como uma forma de arrecadação de fundos, mas também como uma plataforma para a promoção de artistas. A Casa Aquário Cultural é uma forma de enriquecer a cultura que São Paulo abriga. Assim, a Casa Aquário não é apenas um ateliê de tatuagem; é uma expressão de comunidade, colaboração e celebração da diversidade artística. Funcionando como convite para todos os amantes da arte se reunirem, compartilharem e criarem juntos.

FIGURA 25- workshop de cerâmica



Fonte: instagram (2023)

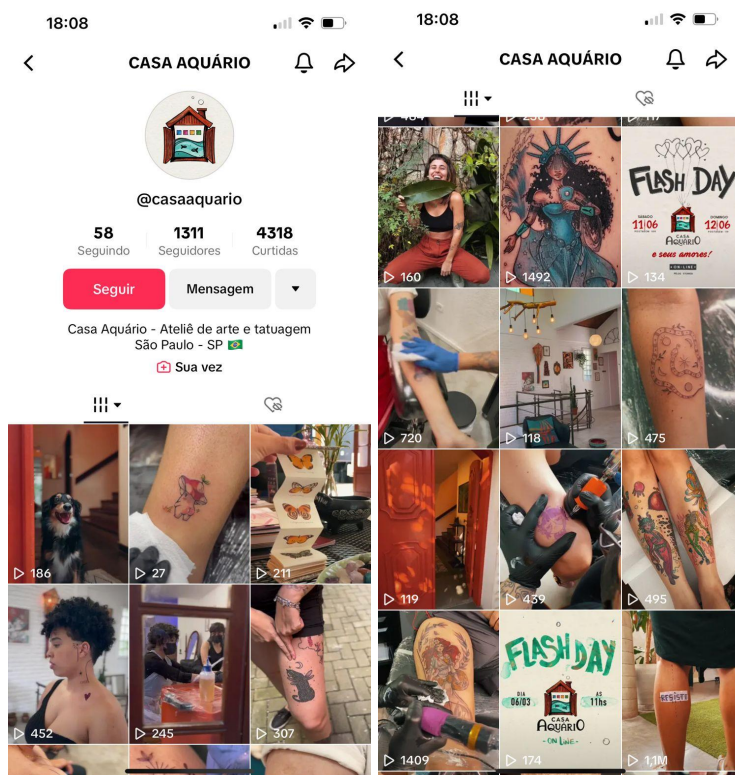
A curadoria das postagens da Casa Aquário é um reflexo de dedicação e visão única que permeiam todo o espaço. Conduzida internamente pelo próprio atelier, essa prática não apenas estabelece uma identidade coesa, mas também cria uma padronagem artística distintiva que permeia todas as publicações. Cada postagem é selecionada para destacar não apenas o trabalho dos residentes, mas também para transmitir a essência acolhedora e colaborativa do próprio local. Através dessa curadoria, a Casa Aquário não apenas promove suas atividades, mas também construiu uma narrativa visual que cativa, inspira e convida a comunidade a mergulhar no seu universo artístico único.

FIGURA 26 - Instagram Casa Aquário



Fonte: Instagram (2023)

FIGURA 27 - Tiktok Casa Aquário



Fonte: Tiktok (2023)

3.3. PERSONAS

Segundo Lupton (2017) É por meio dessa ferramenta que designers podem imaginar como diferentes pessoas poderão experienciar o seu projeto, mesmo possuindo habilidades e experiências individualizadoras. Sendo a persona o usuário arquetípico de um serviço ou produto, suas características podem incluir dados demográficos — como gênero, idade e renda — bem como interesses pessoais. Elas protagonizam papéis em cenários e narrativas construídas para alcançar um objetivo.

Portanto, para a realização deste projeto foram criadas 3 personas ambas sendo clientes do negócio. Os textos e imagens respectivos estão localizados no APÊNDICE A desta monografia.

4. DEFINIR

4.1. BRIEFING

Para Lupton (2013), por trás de todo projeto de design bem sucedido existe um briefing conciso e concreto.

O QUE PROJETAR?

Espaço de cocriação com foco no aperfeiçoamento de técnicas individuais para tatuadores. Consultoria e atendimento especializado sobre vida e carreira, além do acolhimento para que pessoas queer, não-binárias e transgênero possam experimentar, fortalecer laços e criar um espaço baseado no apoio mútuo, objetivando o aperfeiçoamento profissional e a inserção no mercado de trabalho.

POR QUE PROJETAR?

Após identificar que o universo da tatuagem ainda é bastante machista e homofóbico encontrou-se uma oportunidade de criar um espaço que empodere essas pessoas, pois espaços de inclusão são de extrema importância para pessoas queer ou pertencentes ao movimento, como uma forma de celebrar sua identidade e de se sentir seguro, já que o processo da tatuagem é muito íntimo. Criando assim uma cadeia de valores e *networking*.

PARA QUEM PROJETAR?

Para pessoas queer, não-binárias e transgênero interessadas em tatuagem como foco principal, como também para outras pessoas interessadas no movimento.

COMO PROJETAR?

O projeto será desenvolvido com base nas contribuições teóricas de Mirian Goldenberg (1997) para pesquisa qualitativa de campo, Ellen Lupton (2013, 2020) com sua abordagem em Design Centrado no Usuário e Design Como Storytelling

para a organização das ferramentas de pesquisa e projeto, e as abordagens de Lara Penin (2018) e Dan Nessler (2018) para a estruturação das etapas projetuais utilizando o modelo Double Diamond, onde dentro de cada etapa, estão incorporadas diversas ferramentas que desempenham um papel crucial na geração de resultados.

5. DESENVOLVER

O processo de desenvolvimento envolve a concepção de soluções orientadas pelos princípios do design, apresentando assim todo o processo para a resolução do problema proposto, abrangendo aspectos relacionados à marca, serviço e produto.

5.1. DESIGN DE MARCA

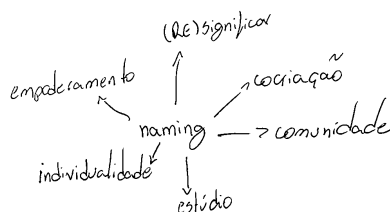
5.1.1. Naming

Segundo Placek (2017) “nada será usado por tanto tempo ou com mais frequência do que o nome de uma empresa. Não é apenas um exercício criativo. É um exercício estratégico.” O nome pode ser o ativo mais valioso de uma marca quanto a sua diferenciação e aceitação (NEUMEIR, 1965).

A criação do naming é uma atividade complexa considerando que existem muitos nomes de marca registrados, que se utilizam de palavras pertinentes ao conceito do serviço ou produto em questão. Para a escolha de um bom nome, deve ser usado alguns critérios, sendo eles: distinguibilidade; brevidade; conveniência; grafia e pronúncia fáceis; agradabilidade; extensibilidade; e possibilidade de proteção (Neumeier, 2008).

A criação do nome para este projeto baseia-se em associações, metáforas e no sentido conotativo que podemos compreender as palavras, especialmente aquelas que estão relacionadas ao universo LGBTQIAPN+ e da tatuagem.

FIGURA 28 - Nuvem de palavras



Fonte: O autor (2023)

inglês, é um reflexo do seu conceito intrínseco de cocriação e transformação. 'Both', que significa 'ambos', não apenas denota a dualidade de gêneros, mas também abraça a ideia de cocriação, onde masculino e feminino se fundem em uma sinergia criativa. O símbolo '&' entra em cena como um agente de transformação, promovendo ressignificação e equilíbrio delicado entre diversidade e inclusão. A fusão de elementos resulta na palavra 'bothe', uma expressão que, em inglês, significa 'incomodar'. Esta escolha não é por acaso, mas uma poderosa declaração de poder. A Both& Ink celebra a individualidade e a diversidade, pois ao longo da história, pessoas LGBTQIAPN+ foram vistas como 'incomodativas' pela sociedade. A marca surge como um meio de desafiar essas percepções, promovendo a diversidade e o empoderamento, afirmando que ser 'incomodativo' é, na verdade, uma forma ousada de celebrar a singularidade de cada indivíduo.

Antes de iniciar o desenvolvimento das formas, foi avaliado a disponibilidade para Registro de Marca no site do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) que concede e garante direitos relativos à propriedade intelectual.

FIGURA 31 - resultado de pesquisa INPI

BRASIL Acesso à informação Participe Serviços Legislação Canais

Instituto Nacional da Propriedade Industrial
Ministério da Economia

Consulta à Base de Dados do INPI [Início | Ajuda?]

> Consultar por: Pesquisa Básica | Marca | Titular | Cód. Figura]

RESULTADO DA PESQUISA (12/11/2023 às 21:52:31)
Marca: "both&"
 Foram encontrados **2** processos que satisfazem à pesquisa. Mostrando página **1** de **1**.

<input type="checkbox"/>	Número	Prioridade	Marca	Situação	Titular	Classe
<input type="checkbox"/>	817056335	22/01/1993	BOTH	Extinto	MAGAZINE DJIBABUCH LTDA	25 : 10
<input type="checkbox"/>	821893220	21/12/1999	BOTH	Arquivado	SOLAE, LLC	NCL(8) 29

Páginas de Resultados:
1

Rua Mayrink Veiga, 9 - Centro - RJ - CEP: 20090-910

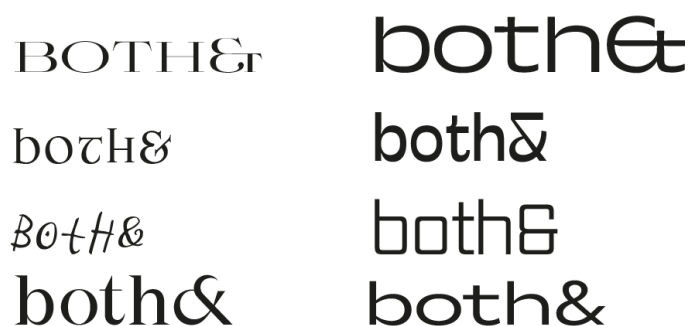


Fonte: INPI (2023)

5.1.2. Criação de formas

Segundo Ellen Lupton (2011, p. 113), "embora a pesquisa e o desenvolvimento da proposta conceitual indiquem a direção, os objetivos e as ideias fundamentais que nortearão uma possível solução, a execução da ideia ainda é uma tarefa crucial", Lupton (2012) também diz que a criação de formas é o momento em que a ideia da marca será expressada visualmente.

FIGURA 32 - estudo de tipos



Fonte: O autor (2023)

Analisando as ideias acima e pensando na ideia do projeto, foi escolhida a combinação de duas fontes diferentes, incorporando "both" (Makro XM) com o Ampersand (Cako), para a finalização da forma optou-se em acrescentar *ink* (tinta em inglês) com a tipografia Queering, uma tipografia arrojada que se inspira em cartazes de protesto e publicações queer, trazendo uma estética atualizada para a era moderna. O termo "Queering" é derivado da prática de 'Queering a Espaço', que envolve transgredir o que é tradicionalmente considerado como categorias fixas, desafiando normas condicionais em relação a gênero e sexualidade. Essa tipografia é paga coberta pela licença SIL Open Font, onde todos os lucros beneficiam o Ali Forney Center em Nova York.

FIGURA 33 - criação da forma

both& INK.

Fonte: O autor (2023)

5.1.3. Elementos secundários

Na criação de uma marca, os elementos secundários desempenham um papel crucial, contribuindo para a construção de uma identidade visual consistente e adequada. Esses elementos complementares, quando usados estrategicamente, fortalecem a narrativa da marca e a conectam de maneira mais profunda com seu público-alvo. Entre os elementos secundários relevantes estão:

cores, elementos gráficos, fotografia, tipografia secundária, entre outros.

5.1.3.1 Cores

A pesquisa cromática da marca foi fundamentada nos insights extraídos do moodboard visual (Figura 30). Os tons selecionados para formar a paleta da marca são vibrantes, oferecendo uma atmosfera de serem usados tanto como complementares quanto como contrastantes entre si. A composição cromática abrange uma gama de cores distintas, incluindo preto, branco, verde, laranja, roxo, amarelo, azul e nude. Essa escolha estratégica visa não apenas refletir a identidade visual desejada, mas também criar uma paleta dinâmica capaz de transmitir uma gama diversificada de mensagens e emoções.

FIGURA 34- paleta de cores da marca



Fonte: O autor (2023)

5.1.3.1. Símbolo

Neste contexto, Norman Ives (1960, apud MEGGS, 2009, p.529) disserta sobre a importância e função de uma marca:

Um símbolo é uma imagem de uma companhia, uma instituição ou uma ideia que deve transmitir, por afirmação clara ou por sugestão, a atividade que ela representa [...]. O símbolo, além de ser pregnante e legível, deve ser projetado de modo a poder ser usado em muitos tamanhos e situações, sem perder sua identidade [...]. Não há nenhuma parte do símbolo que possa ser eliminada sem destruir a imagem que ele cria. É uma verdadeira Gestalt, na qual o efeito psicológico da imagem total é maior do que sugeriria a soma das partes. (IVES, 2009, p.529).

No mesmo sentido, Tom Geismar afirma que o símbolo deve ser pregnante e ter “em si alguma farpa que o faça grudar em nossa mente” e ao mesmo tempo ser “atraente, agradável e adequado. O desafio é combinar tudo isso numa coisa simples” (MEGSS, 2009, p.533)

Após uma análise, percebeu-se que o Ampersand, em conjunto com a palavra "ink", poderia ser habilmente incorporado como o símbolo distintivo da

marca, assim criando uma marca visualmente impactante, refletindo a essência única da interseção entre arte e identidade que a marca busca transmitir.

FIGURA 35 - símbolo da marca



Fonte: O autor (2023)

5.2. DESIGN DE SERVIÇO

O design de serviços ajuda a criar novos serviços e a melhorar aqueles já existentes, de maneira a fazê-los mais úteis, utilizáveis e desejáveis para os consumidores e eficientes e eficazes para as empresas (MORITZ, 2005).

Com uma sociedade cada vez mais baseada na experiência, do que propriamente na produção e consumo, um serviço bem projetado pode deixar as pessoas felizes, seguras e, de certa maneira, criar vínculos duradouros entre o usuário e o provedor dos serviços (PINHEIRO, 2015). Para Pinheiro (2015), os serviços são jornadas que resultam da junção entre comportamento do usuário e processo. Essas vivências destacam a importância de tornar o ambiente corporativo cada vez mais alinhado com as exigências e aspirações de seus diversos stakeholders.

Nesse contexto, é crucial discernir o tipo de sensação ou emoção que se deseja instigar nos colaboradores, a fim de fomentar a criatividade e criar condições ideais para melhorar a qualidade e as interações entre consumidores e empresas.

Para Stickdorn e Schneider (2014), o design thinking de serviços é composto por cinco princípios básicos:

1. A centralidade no usuário: preconiza que todos os serviços sejam pautados pelo olhar do cliente;
2. Cocriativo: pressupõe que todos os stakeholders devem estar incluídos no processo;

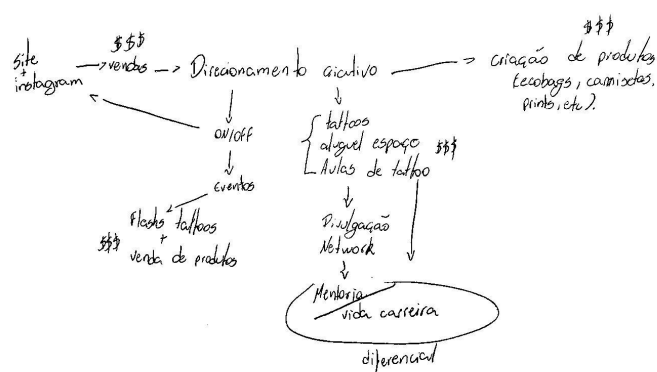
3. Sequencial: compreende os serviços como parte de uma sequência de ações inter-relacionadas;
4. Evidente: pressupõe que, embora intangíveis, os serviços sejam visualizados como artefatos físicos;
5. Holístico: atribui uma visão geral ao ambiente de um serviço.

Com o intuito de auxiliar no desenvolvimento do serviço deste projeto, as ferramentas utilizadas serão descritas nos próximos subcapítulos.

5.2.1. Mapa de expectativas do Serviço

A criação desse serviço começa com a elaboração de um mapa de expectativas, por meio do qual podemos visualizar, explorar e identificar as necessidades e expectativas dos usuários ao interagirem com o serviço. Segundo Stickdorn e Schneider (2014), mapear expectativas serve, muitas vezes, como ferramenta de diagnóstico, destacando as áreas de um serviço que exigem mais atenção a partir de uma perspectiva do usuário. Eles também acrescentam que essa é uma ferramenta útil para estabelecer e revisar áreas que podem ser aprimoradas posteriormente.

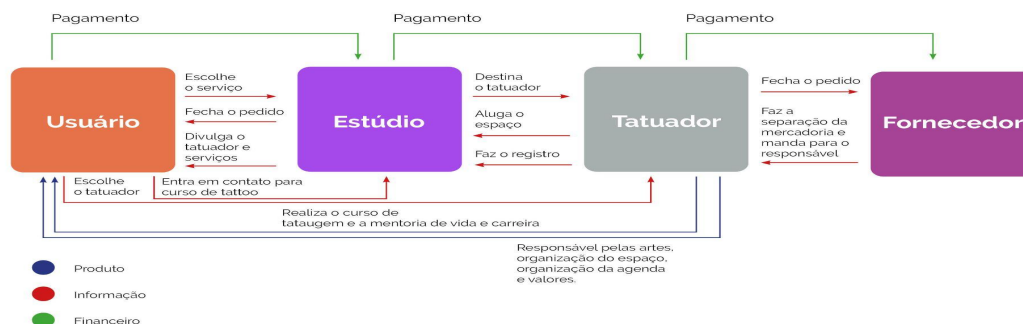
FIGURA 36 - Mapa do serviço



Fonte: O autor (2023)

No mapa, foram delineadas as expectativas específicas do serviço, descrevendo a estrutura e o modo como ocorrerá a interação e o relacionamento com o usuário.

FIGURA 37 - Protótipo do serviço

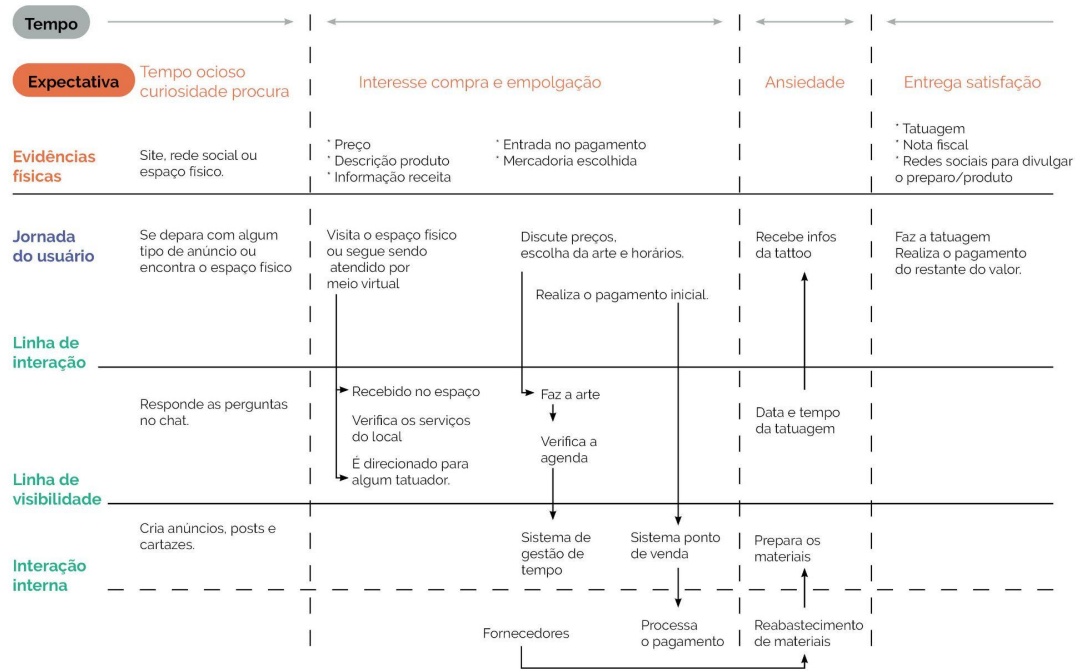


Fonte: O autor (2023)

5.2.2. Blueprint do serviço

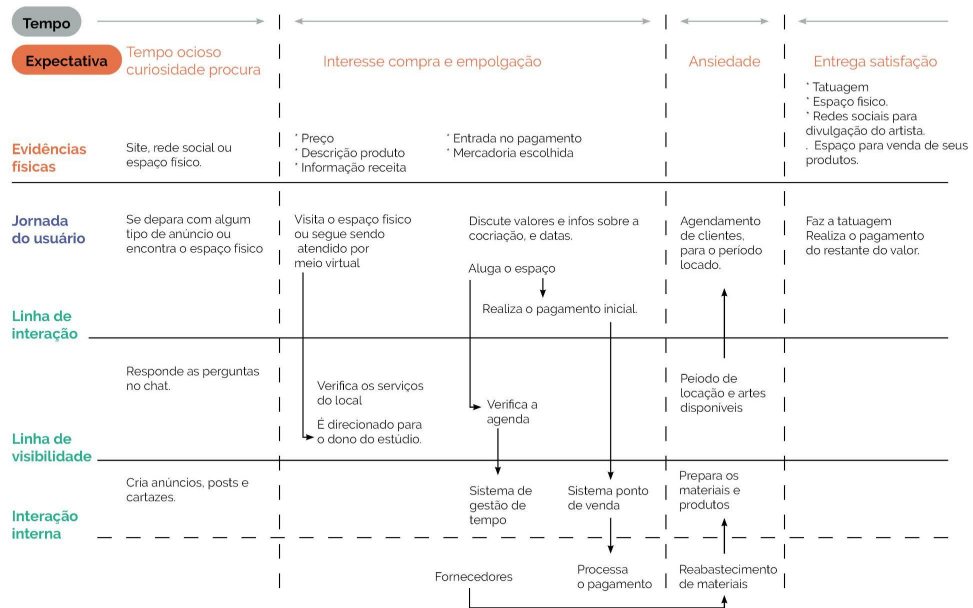
O blueprint, no contexto organizacional, é uma representação visual que delinea de maneira detalhada os processos, interações e elementos essenciais de um serviço ou produto. Essa ferramenta oferece uma visão abrangente e sistemática, permitindo uma compreensão clara de como cada componente é integrado para alcançar os objetivos propostos. Por meio do blueprint, é possível mapear o fluxo operacional, identificar pontos de contato com os usuários e visualizar oportunidades de otimização, contribuindo significativamente para a eficiência e aprimoramento contínuo. Segundo Stickdorn e Schneider (2014), os blueprints de serviço são "uma maneira de especificar e detalhar cada aspecto individual de um serviço". Considerando as informações, elaborou-se três blueprints imaginando o contato inicial com o serviço:

FIGURA 38 - Blueprint de serviço | _ venda tatuagem



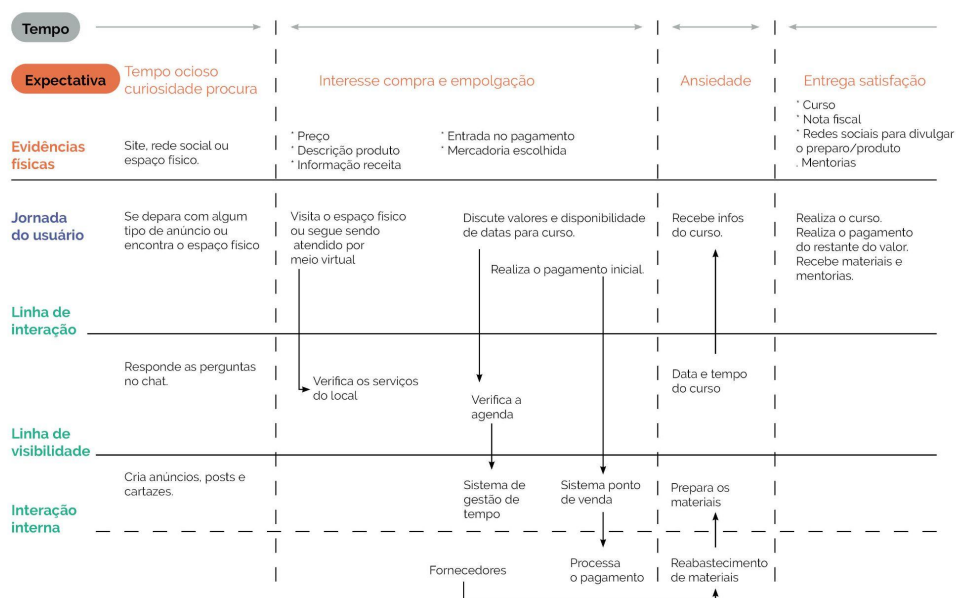
Fonte: O autor (2023)

FIGURA 39 - Blueprint de serviço || _ aluguel do espaço



Fonte: O autor (2023)

Figura 40 - Blueprint de serviço ||| _ compra do curso

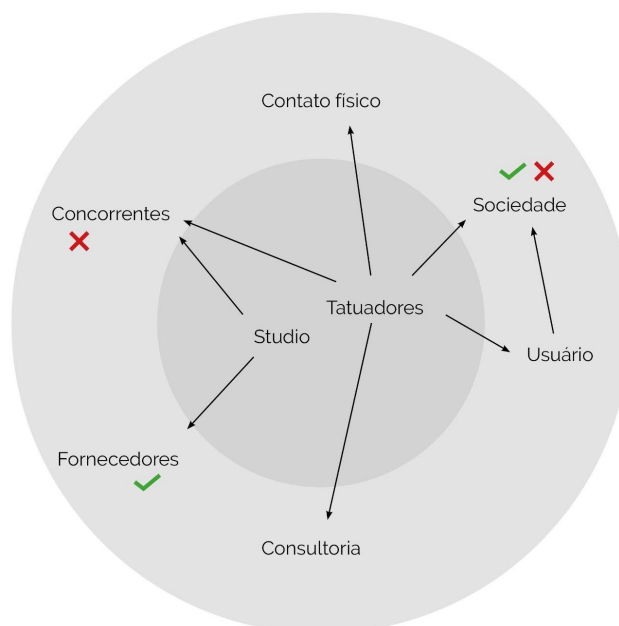


Fonte: O autor (2023)

5.2.3. Mapa de stakeholders

O Mapa de Stakeholders é uma ferramenta crucial no gerenciamento organizacional, destinada a identificar e compreender as partes interessadas envolvidas em um projeto, empresa ou iniciativa. Este mapa oferece uma representação visual de diversas entidades que podem ser impactadas ou exercer influência sobre as atividades em questão. Ao destacar as relações e interesses das dos envolvidos, o mapa fornece insights importantes para orientar estratégias, promover engajamentos eficazes e garantir que as decisões e ações alinhadas com as expectativas e necessidades das partes envolvidas. Segundo Stickdorn e Schneider (2014), ele pode ser visto como uma "representação visual ou física dos diversos grupos/públicos envolvidos em determinado serviço", tendo como principal objetivo a análise e mapeamento das atividades entre funcionários, clientes, organizações parceiras e outros.

FIGURA 41 - Mapa de stakeholders



Fonte: O autor (2023)

5.2.4. Business Model Canvas

O Business Model Canvas, ou "Quadro de Modelo de Negócios", é uma ferramenta visual amplamente utilizada no mundo dos negócios para conceber, descrever e analisar modelos de negócios de forma sistemática e integrada. Composto por nove blocos principais, o Canvas abrange aspectos fundamentais, como segmentos de clientes, proposta de valor, canais de distribuição, relacionamento com clientes, fontes de receita, recursos-chave, atividades-chave, parcerias principais e estrutura de custos. Essa abordagem visual e abrangente facilita a compreensão holística de um modelo de negócios, promovendo a inovação, a identificação de oportunidades e a tomada de decisões estratégicas. Segundo Stickdorn e Schneider (2014) tem como principal vantagem "trazer clareza para os objetivos centrais de uma empresa, identificando suas forças, fraquezas e prioridades".

FIGURA 42 - Business Model Canvas

COMO ou COM QUEM		O QUE ou POR QUE	PARA QUEM	
Parcerias chave Workshops. Tatuadores. Fornecedores. Marcas locais. Influencers. Casas de apoio LGBTQ+. Alunos de tatuadores.	Atividades chave Ilustração. Tatuagem. Oficinas. A tattoo como uma forma terapêutica. Eventos e vendas de materiais, como ecobags, tattos, etc.	Proposta de valor Pluralidade. Representação identitária. Expressão cultural. Criar uma rede de apoio LGBTQ+. A tattoo sendo além de uma arte na pele. Resignificar marcas. Auto cuidado.	Relacionamento com o cliente Pessoal. Personalizada. Cultural. Imersivo. Humanizado. Mentorias.	Segmento de cliente Pessoas que queiram ressignificar algo. Público majoritariamente LGBTQI+. Apreciadores de tattoo. Amigos de amigos. Pessoas que participaram de algum evento do coletivo. Pessoas que queiram começar a tatuar.
	Recursos chave Ativismo. Rede de apoio. Arte exclusiva. Visibilidade. Storytelling único. Rotatividade de Tatuadores. Mentorias.		Canais de venda Espaço físico Redes sociais Terceirização Indicação.	
Estrutura de custos Compra de material, aluguel do local, site, funcionários, materiais gráficos, produtos, despesas gerais (água, luz, etc), Impostos e deslocamento.			Fontes de receita Venda de produtos, tatuagem, oficinas e aluguel do espaço para outros tatuadores, cursos de tatuagem com mentorias de vida e carreira e eventos e participação em outros eventos com flashes tattos.	
QUANTO				

Fonte: O autor (2023)

6. DESIGN DE PRODUTO

6.1. MOCHILA

Durante a etapa inicial de concepção do produto, buscou-se primordialmente garantir sua integração perfeita com a essência global do projeto. Reconhecendo que a paixão pela arte da tatuagem transcende as barreiras do estúdio, especialmente para tatuadores iniciantes ou nômades, direcionou-se a atenção para atender às necessidades específicas desse público. Ao analisar esses dados, foi identificado uma oportunidade valiosa para criar um produto que facilite a mobilidade desses profissionais. Considerando tanto os tatuadores que estão no início de sua jornada no universo da tatuagem quanto aqueles que escolheram uma vida nômade, viajando e tatuando em diversas regiões, optou-se desenvolver uma solução prática: uma mochila projetada para armazenar e transportar facilmente o equipamento necessário. Essa escolha de design não permite apenas o transporte conveniente, mas também reflete a identidade única de cada artista.

Seja um tatuador iniciante em busca de novos horizontes ou um artista consolidado que abraça a vida nômade, a mochila não carrega apenas os instrumentos, mas se torna uma extensão de sua expressão artística. Levando a paixão além do estúdio.

FIGURA 43- Mochila



Fonte: o autor (2023)

FIGURA 44 - Mochila



Fonte: o autor (2023)

6.2. ECOBAG

Explorando uma iniciativa para promover novos talentos e arrecadar recursos, surgiu uma oportunidade na criação de ecobags, que seriam comercializadas tanto no estúdio quanto em eventos e feiras. Essa iniciativa se destaca pela integração de arte e responsabilidade social. As ecobags apresentam obras de diversos tatuadores, não apenas como acessórios práticos, mas também como uma plataforma de visibilidade para artistas emergentes na cena da tatuagem. A diversidade de estilos e técnicas visuais proporciona aos compradores uma experiência única. Cada aquisição contribui diretamente para apoiar a comunidade artística da tatuagem, transformando a ecobag em um veículo de expressão e suporte financeiro para tatuadores. Além de ser uma celebração da arte, a EcoBag abraça um compromisso social significativo. Em sua linha queer, uma porcentagem dos recursos arrecadados é destinada a casas de acolhimento LGBTQIANP+, enfatizando a importância de sistemas seguros e inclusivos para todos. Essa iniciativa não apenas amplia a visibilidade de novos artistas, mas também contribui para causas sociais relevantes, representando uma abordagem inovadora que transcende os limites convencionais.

FIGURA 45- Ecobag em parceria com tatuadores



Fonte: O autor (2023)

FIGURA 46- Ecobag em parceria com o movimento LGBTQIANP+



Fonte: O autor (2023)

7. ENTREGAR

Aqui estão as propostas para a marca, produto e serviço. A documentação das entregas foi organizada com base nas ferramentas selecionadas no capítulo 5, desenvolver.

7.1. DESIGN DE MARCA

Com o intuito de evidenciar a eficácia da marca em diversas aplicações, desenvolveu-se um MIV. Este documento, conhecido como manual de identidade visual, estabelece diretrizes e limitações que garantem o uso protetor dos elementos visuais da marca, assegurando um padrão visual consistente em todos os pontos de contato. O presente documento encontra-se disponível no dossiê que está em anexo deste documento, fornecendo uma referência completa para garantir a coerência visual em todas as instâncias de aplicação da marca.

Os pontos de contato de uma marca são específicos dos diversos meios pelos quais ela interage com seu público-alvo, estabelecendo conexões significativas e moldando a percepção dos consumidores. Esses pontos de contato abrangem uma ampla gama de canais e experiências, desde a presença online, como sites e redes sociais, até interações físicas em lojas físicas ou eventos. Cada interação, seja digital ou presencial, representa uma oportunidade crucial para transmitir a personalidade da marca, seus valores e a qualidade de seus produtos ou serviços.

Em resumo, os pontos de contato de uma marca desempenham um papel fundamental na construção de relacionamentos íntimos com os consumidores e na diferenciação em um mercado competitivo. Ao investir na consistência e compreensão desses pontos, as marcas podem criar conexões mais profundas e significativas, contribuindo para o sucesso a longo prazo.

Através desses diversos meios de interação, a marca tem a oportunidade de comunicar não apenas a qualidade do produto em si, mas também os valores, a personalidade e a promessa da marca. Seja por meio de impressos que refletem o design e a identidade visual, ou através de experiências digitais que ampliam a narrativa da marca, cada ponto de contato contribui para a construção de uma impressão holística que ressoa com os consumidores, fortalecendo assim a conexão entre a marca e seu público-alvo.

FIGURA 49 - Mockup adesivos



Fonte: o autor (2023)

FIGURA 50- Mockup sketchbook



Fonte: o autor (2023)

FIGURA 51- Mockup cartazes



Fonte: o autor (2023)

FIGURA 52- Mockup cartazes



Fonte: o autor (2023)

FIGURA 53- Mockup cartão de visitas



Fonte: o autor (2023)

7.2. DESIGN DE SERVIÇO

Este projeto propõe a criação de um estúdio de tatuagem, não apenas como um local de prestação de serviços exclusivos, mas como um ambiente inclusivo e queer-friendly. O estúdio funciona como um espaço rotativo, onde tatuadores de diversas origens e identidades de gênero alugarão estações de trabalho por temporadas, criando um ambiente diversificado e acolhedor para a clientela. Além disso, o estúdio oferecerá cursos de tatuagem e mentorias para o desenvolvimento do negócio, promovendo um espaço de aprendizado e networking inclusivo.

O estúdio visa criar um espaço que celebre a diversidade, promovendo a inclusão e a representatividade na indústria da tatuagem.

7.2.1. Espaço de Trabalho Compartilhado.

O estúdio é projetado com o propósito de promover a colaboração e a troca de ideias em um ambiente que celebra a diversidade. Cada estação de trabalho será flexível para acomodar as preferências individuais dos tatuadores, incentivando uma cultura de cocriação e inovação. As áreas comuns serão cuidadosamente planejadas para criar um ambiente propício ao networking e ao desenvolvimento profissional, especialmente voltado para a comunidade queer.

7.2.2 Programa de Temporadas para Tatuadores

O estúdio implementa um programa de temporadas que acolherá tatuadores de diferentes origens e identidades de gênero. Essa abordagem abordada não apenas oferecerá uma ampla gama de estilos de tatuagem, mas também criará um ambiente acolhedor para a comunidade queer, onde eles podem se expressar livremente.

7.2.3. Cursos de Tatuagem e Mentorias

Além de ser um estúdio de tatuagem, o espaço oferecerá cursos de tatuagem com foco na inclusão e diversidade. Os cursos abordarão não apenas habilidades técnicas, mas também incluirão módulos específicos sobre a importância da

representatividade na indústria, como também como iniciar e se manter no mercado da tatuagem que está em constante desenvolvimento. Mentorias regulares serão oferecidas para orientar os participantes, especialmente aqueles que pertencem à comunidade queer, no desenvolvimento de suas carreiras.

7.2.4. Marketing Digital

Uma estratégia de marketing digital inclusiva será inovadora para promover o estúdio, destacando a diversidade de trabalhos dos tatuadores residentes e a abertura do espaço para a comunidade queer. O uso ativo das redes sociais será fundamental para criar uma comunidade online envolvente e inclusiva.

7.2.5. Avaliação

O projeto incluirá avaliações contínuas para monitorar a eficácia das práticas inclusivas, garantindo que o estúdio mantenha um espaço seguro e acolhedor para todas as identidades de gênero. Os resultados dessas avaliações serão usados para ajustar e aprimorar constantemente o ambiente e a experiência oferecida.

7.2.6. Eventos e Exposições

Com o objetivo de fortalecer o compromisso com a inclusão, o estúdio organizará eventos, destacando artistas e tatuadores que fazem parte desse movimento. Tais iniciativas desempenham um papel fundamental na consolidação do estúdio como um ambiente genuinamente queer-friendly na região. Além disso, o projeto contempla a realização de dados especiais para flash tatuagens, bem como a participação em feiras e eventos, oferecendo não apenas serviços de tatuagem, mas também a venda de produtos. Entre esses produtos, serão incluídas linhas de apoio à causa LGBTQIAP+, destinando parte dos recursos arrecadados para casas e organizações que oferecem suporte ao movimento. Essa abordagem integrada visa não apenas fornecer serviços especializados, mas também contribuir ativamente para a promoção de valores inclusivos e apoio à comunidade queer.

7.2.7. Colaboração e Venda de Produtos

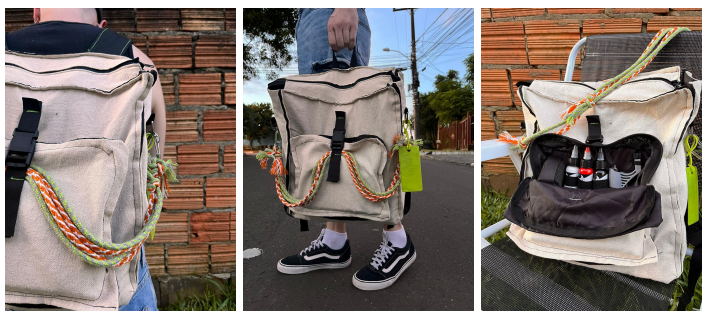
A colaboração entre o estúdio de tatuagem e diversos tatuadores se estende para além dos serviços de tatuagem, envolvendo a venda de ecobags como uma plataforma de divulgação conjunta e geração de receitas. Ao transformar as ecobags em telas itinerantes de expressão artística, esta parceria oferece uma visibilidade ampliada para os tatuadores, tornando as ecobags não apenas produtos funcionais, mas também veículos de divulgação móvel. A venda dessas ecobags contribui para a parte financeira do estúdio e dos colaboradores. Integrando o lançamento das ecobags a eventos especiais, como sessões de flash tattoos e feiras, amplia ainda mais a visibilidade e impacto, proporcionando uma experiência de compra única e significativa para os clientes. Essa iniciativa destaca-se como um exemplo de como a arte e os negócios podem convergir de maneira colaborativa e benéfica para todos os envolvidos.

7.3. DESIGN DE PRODUTO

A elaboração da mochila envolveu o uso de algodão cru como material principal, revestido com espuma de poliuretano e um forro de poliéster. Os detalhes são aprimorados por aviamentos em polímeros, metal e algodão. As seguintes dimensões são: 41,5cm x 40cm para a parte frontal e traseira, 14cm x 40cm para as laterais, todas as medidas foram calculadas com uma margem adicional de centímetros para facilitar o processo de confecção.

As costuras aparentes fazem uma ressalva a questão de resignificação de marcas e até expressões.

FIGURA 54- Mochila



Fonte: O autor (2023)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Orgulho na Pele” surge como um testemunho do poder transformador da cocriação, consolidando-se como um marco inovador na promoção do empoderamento de tatuagens queer. Em um contexto marcado pelo movimento LGBTQIAP+, a presença e participação ativa de tatuadores que essas vivências incluíram elementos cruciais para redefinir padrões e ampliar a representatividade na indústria da tatuagem.

A decisão estratégica de estabelecer um estúdio de tatuagem de cocriação não apenas honra a intimidade singular da tatuagem, mas também regularmente a importância de criar um espaço onde a diversidade é celebrada. Ter tatuadores do movimento queer em no estúdio não é apenas uma questão de representatividade; é uma afirmação do direito de cada indivíduo de se manifestar autenticamente através da arte gravada na pele. A tatuagem, como forma de autodeclaração, ganha uma nova dimensão quando é moldada por tatuadores que compreende as complexidades e nuances do movimento queer.

O resultado tangível desse projeto é a materialização do estúdio de tatuagem de cocriação, um espaço onde a expressão artística encontra a diversidade em um diálogo contínuo. Este estúdio não é apenas um local para tatuagens; é um local de empoderamento, onde a colaboração entre artistas que transcende as agulhas para se tornar uma narrativa compartilhada de força, resiliência e orgulho.

Ao oferecer um ambiente inclusivo, onde cada tatuador traz sua perspectiva única para a mesa, o estúdio cria uma ponte entre o íntimo e o coletivo. A pele, transformada em tela, torna-se uma manifestação vibrante de histórias queer, alimentando um senso de pertencimento e validação que vai além das linhas e sombras.

Este projeto não é apenas um ponto final, mas um convite para uma jornada contínua de autodescoberta, acessível e útil. Both& é mais do que tinta sob a epiderme; é um movimento vivo que desafia e redefine normas, deixando uma marca indelével na interseção entre design, identidade e comunidade. Que cada tatuagem seja uma afirmação, uma celebração da beleza intrínseca de ser autenticamente quem somos.

9. REFERÊNCIAS

ANDRADE , Juliana. **Dossiê contabiliza 273 mortes violentas de pessoas**

LGBTI+ em 2022, 2023. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/dossie-contabiliza-273-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-em-2022#:~:text=Dados%20preliminares%20de%202023%2C%20divulgados,%3B%20homens%20trans%20e%20pessoas>>

Acesso em: 20/06/2023

BENTZ, I.; FRANZATO, C. **O metaprojeto nos níveis do design**. Blucher Design

Proceedings, dez. 2016. Disponível em:

<<http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0120.pdf>>.

BERLATTO, Odir. **A construção da identidade social**. Revista do Curso de Direito FSG, Caxias do Sul.

COLLUCCI, Bianca. **Tatuador de São Paulo promove ação para cobrir cicatrizes de tentativa de suicídio**. 2020 Disponível em:

<<https://empoderadx.com.br/2020/07/15/tatuador-de-sao-paulo-promove-acao-para-cobrir-cicatrizes-de-tentativa-de-suicidio/>>.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DIAS, Thassio. **Tinta e dor: a prática da tatuagem na construção da identidade**.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2014.

EDITORIAL, E. **Quando a tatuagem se torna arte?** 2018 Disponível em:

<<https://arteref.com/tatuagem/quando-a-tatuagem-se-torna-arte/>>.

FERRAZ, Thais. **Movimento LGBT: a importância da sua história e do seu dia**,

2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>>.

FLASK, D. **First Things First : Design Is History**. 2019. Disponível em:
<<http://www.designishistory.com/1960/first-things-first/>>.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

JEHA, Silvana Cassab. **A galera heterogênea: Naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c.1822-c.1854**. 2011. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação, História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Uma história da tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970**. São Paulo, Veneta, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

_____. **Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis. 2004

_____. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

_____. **Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles**, Paris: Métailié. 2002

LOURO, Guacira.Lopes. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidades e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCIO, R. **Designer ativista: Você já pensou em ser um?** Disponível em:
<<https://designcomcafe.com.br/designer-ativista-voce-ja-pensou-em-ser-um/>>.

MAIA, Matheus. **LGBT e universidade: conheça a história, ações e pesquisas da UFU**, 2019 Disponível em:

<<https://comunica.ufu.br/noticia/2019/06/lgbt-e-universidade-conheca-historia-acoes-e-pesquisas-da-ufu#:~:text=O%20movimento%20LGBT%20come%C3%A7a%20a>>.

MARTINS, Carlos. **LGBTfobia: andar em paz eu mereço**. 2021 Disponível em:

<<https://esquerdaonline.com.br/2021/07/18/lgbtfobia-andar-em-paz-eu-mereco/>

MAXWELL, December Renee. **Phoenix Ink: Psychodynamic Motivations for Tattoo Attainment by Survivors of Trauma**. Dissertação de mestrado. Curso de serviço Social, University Of Arkansas, Fayetteville. 2017

MIYARASHIRO, Rafael Tadashi. **Com Design, além do design: os dois lados de um design gráfico com preocupações sociais**. In: BRAGA, Marcos da Costa (org.). O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

MELO, Luana Vicente Olimpia de. **Design na pele**. Caruaru: O Autor, 2017.

MOLINA, Luana. **A homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual**. 2011.

MORITZ, S. **Service design: practical access to an evolving field**. Germany: Köln International School of Design, 2005.

OKSANEN, Atte & TURTIAINEN, Jussi. **“A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society”**. Auto/biography. 2005

OTTE, M. **The Mourning After: Languages of Loss and Grief in Post-Katrina New Orleans**. Journal Of American History, [s.l.], v. 94, n. 3, p.828-836, 1 dez. 2007. Oxford University Press (OUP). Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.2307/25095145>>. Acesso em: 12/06/2023

ROQUE, Daniel. **Os grupos marginalizados que difundiram a tatuagem no Brasil**. BBC News Brasil, [s.d.]. 2020.

SANTOS, C. A., Nuno Ferreira. **They Tattoo: aqui tatuam-se corpos “queer” para que se tornem “casa”**. 2022 Disponível em:
<<https://www.publico.pt/2022/11/18/p3/reportagem/they-tattoo-aqui-tatuamse-corpos-queer-tornem-casa-2028228>>.

STICKDORN, M.; SCHNEIDER, J. **Isto é design thinking de serviços: fundamentos, ferramentas, casos**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

APÊNDICE A - PERSONAS

Persona 1

FIGURA 55 - Aluna curso



Fonte: O autor

Marina Oliveira, estudante de Artes Visuais com 27 anos, sempre nutriu uma paixão por expressões artísticas, iniciando-se com desenhos e pinturas durante a adolescência. Recentemente, descobriu uma atração significativa pelo universo da tatuagem, desejando transformar essa paixão em uma carreira como tatuadora. Apesar de estar cursando Artes Visuais na universidade, Marina enfrenta o desafio de encontrar oportunidades para aprender e aprimorar suas habilidades na tatuagem, bem como construir uma rede sólida na comunidade. Valorizando a aprendizagem contínua e a orientação de profissionais especializados, Marina procura um ambiente que vá além dos cursos básicos, oferecendo mentorias personalizadas e uma rede de tatuadores experientes para aprendizagem e aprendizado conjunto. Neste contexto, ela busca um ambiente que vá além de cursos simples, oferecendo mentorias personalizadas e uma rede de tatuadores experientes para trabalho e aprendizado conjunto. A interação com uma rede específica de profissionais alinhada-se perfeitamente com as aspirações de Marina, proporcionando um networking valioso e a chance de aprender com experiências

variadas. Esse contexto não apenas fortaleceria seu conhecimento técnico, mas também a ajudaria a construir uma base sólida para uma carreira, competência e bem-sucedida no universo da tatuagem.

Persona 2

FIGURA 56 - Cliente



Fonte: O autor

Alex Martins, um ativista LGBTQIAPN+ de 26 anos e designer gráfico, identifica-se como homem trans. Engajado nas causas queer, Alex busca expressar sua identidade por meio de tatuagens, mas a prioridade é encontrar um espaço seguro e inclusivo para essa forma de expressão. Além do trabalho como designer gráfico, Alex é ativo em iniciativas comunitárias para a inclusão da diversidade de gênero e orientação sexual. O desejo é encontrar um estúdio de tatuagem que vá além da tolerância e realmente celebre a diversidade, evitando qualquer desconforto relacionado à falta de compreensão ou respeito pela identidade queer durante o processo de tatuagem. Encontrar um espaço que não apenas aceite, mas também celebra a diversidade. A busca por uma experiência de tatuagem autêntica e confortável é complementada pela importância de se alinhar aos valores do estúdio, especialmente no apoio às causas sociais que promovem o bem-estar da comunidade LGBTQIAPN+. Após ver um anúncio numa rede social Alex encontrou a

both& um estúdio queer que é exatamente o que Alex procurou para expressar sua identidade com confiança.

Persona 3

FIGURA 57 - Tatuador

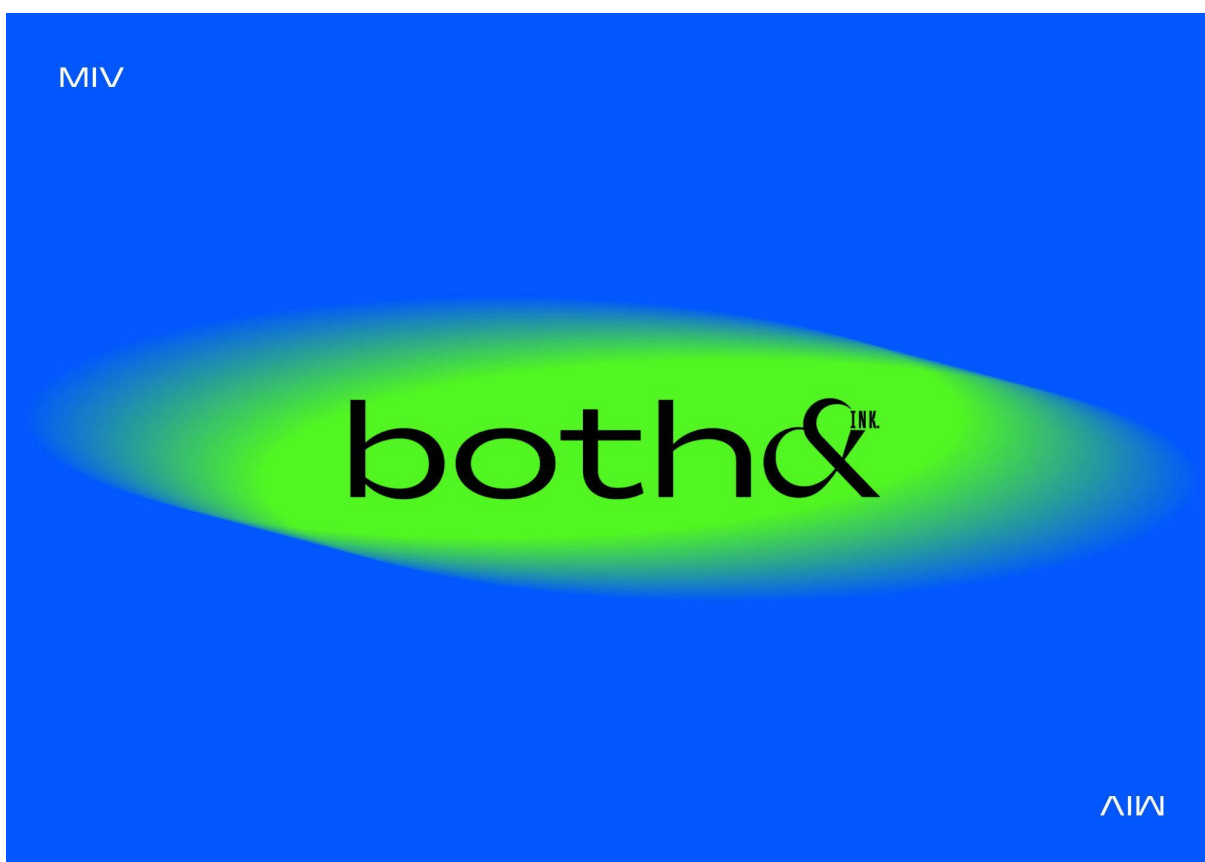


Fonte: O autor

Lucas Almeida, um tatuador talentoso e empreendedor de 32 anos, se identifica como homem gay. Originalmente presente em sua região natal, Lucas decidiu expandir sua presença na cena da tatuagem. Com uma paixão pela arte e o desejo de explorar novas oportunidades, ele busca estabelecer sua marca em outras localidades, captar novos clientes e interagir com uma comunidade mais ampla de tatuadores. Além da paixão pela tatuagem, Lucas está interessado em explorar novos horizontes, tanto artisticamente quanto socialmente. Ele deseja se conectar com outros tatuadores talentosos, aprender diferentes estilos e, ao mesmo tempo, promover seu trabalho em uma nova região. O networking e a troca de experiências são aspectos fundamentais em sua busca pelo crescimento profissional. O desafio de Lucas reside em encontrar o local ideal para realizar seu trabalho em uma região diferente. Ele busca um espaço de cocriação que ofereça a infraestrutura necessária para tatuar e proporcionar uma atmosfera colaborativa, onde possa interagir com outros tatuadores e potenciais clientes. Por meio da recomendação de um amigo,

Lucas descobre um local adequado para realizar seus trabalhos temporariamente. Este espaço não oferece apenas um ambiente acolhedor e profissional, mas também promove uma comunidade de tatuadores variados. Essa oportunidade não só permite que Lucas expanda sua clientela, mas também integre-o a uma rede potencial de profissionais, contribuindo para seu desenvolvimento artístico e crescimento como tatuador. O espaço colaborativo escolhido por Lucas se alinha perfeitamente com seus objetivos, oferecendo uma base sólida para sua jornada de explorar novas fronteiras e fortalecer seu nome no mundo da tatuagem.

APÊNDICE B - MIV (Manual de Identidade Visual)




Marca



Seu nome, derivado do inglês, é um reflexo do seu conceito intrínseco de cocriação e transformação. 'Both', que significa 'ambos', não apenas denota a dualidade de gêneros, mas também abraça a ideia de cocriação, onde masculino e feminino se fundem em uma sinergia criativa. O símbolo '&' entra em cena como um agente de transformação, promovendo resignificação e equilíbrio delicado entre diversidade e inclusão. A fusão de elementos resulta na palavra 'bothe', uma expressão que, em inglês, significa 'incomodar'. Esta escolha não é por acaso, mas uma poderosa declaração de poder. A Both& Ink celebra a individualidade e a diversidade, pois ao longo da história, pessoas LGBTQIAPN+ foram vistas como 'incomodativas' pela sociedade.

A MARCA SURGE COMO UM MEIO DE DESAFIAR ESSAS PERCEPCOES, PROMOVENDO A DIVERSIDADE E O EMPODERAMENTO. AFIRMANDO QUE SER 'INCOMODATIVO' E, NA VERDADE, UMA FORMA OUSADA DE CELEBRAR A SINGULARIDADE DE CADA INDIVÍDUO.

Marca


 both&

Marca

Logo

A tipografia escolhida para a aplicação foi escolhida a partir da combinação de duas fontes diferentes, incorporando "both" (Makro XM) com o Ampersand (Cako), para a finalização da forma optou-se em acrescentar ink (tinta em inglês) com a tipografia Queering


 both&^{INK.}

 Marca


 both&

Marca


 both&^{INK.}

Limitações

[01]

Para todas as aplicações da marca, deve ser respeitada a margem de segurança de 2A, sendo A a largura entre as pernas da letra

[02]

Além disso, o tamanho mínimo para aplicação do logotipo é de 20mm ou 56px.


 both&^{INK.}
56px

 Marca

both&

Marca

Proibições

both &^{INK.}both&^{INK.}Both&^{INK.}Both&^{INK.}

Marca

both&

Marca

Tipografia

[01]

Para títulos e/ou textos em destaque as fontes Makro XM, Cako e Queering poderão ser usadas.

Makro XM

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890.,:;/?[]!@#\$%&*

Cako

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890.,:;/?[]!@#\$%&*

QUEERING

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890.,:;/?[]!@#\$%&*

[02]

Pela facilidade de leitura a fonte escolhida foi Montserrat (TT), todas as subfamílias podem ser utilizadas.

Montserrat (TT)

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890.,:;/?[]!@#\$%&*

Marca

both&

Marca

Tabela de cores

[01]

Os tons selecionados para formar a paleta da marca são vibrantes, oferecendo uma atmosfera de serem usados tanto como complementares quanto como contrastantes entre si.

[02]

A composição cromática abrange uma gama de cores distintas, incluindo preto, branco, verde, laranja, roxo, azul e nude

C0 M0 Y0 K0
R255 G255 B255
#ffffff

C70 M86 Y0 K0
R138 G28 B191
#8a1cbf

C60 M0 Y100 K0
R83 G245 B34
#53f522

C33 M25 Y42 K8
R175 G171 B146
#afab92



c100 M100 Y100 K100
R0 G0 B0
#000000

C87 M65 Y0 K0
R0 G87 B255
#0057ff

C0 M82 Y90 K0
R255 G70 B16
#ff4610

Marca

CMYK - C87 M65 Y0 K0

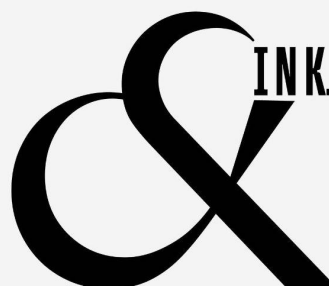
both&

Marca

Símbolo

o símbolo deve ser prenante e ter "em si alguma farpa que o faça grudar em nossa mente" e ao mesmo tempo ser "atraente, agradável e adequado. O desafio é combinar tudo isso numa coisa simples

Fonte: MEGSS, 2009.



Marca

CMYK - C87 M65 Y0 K0

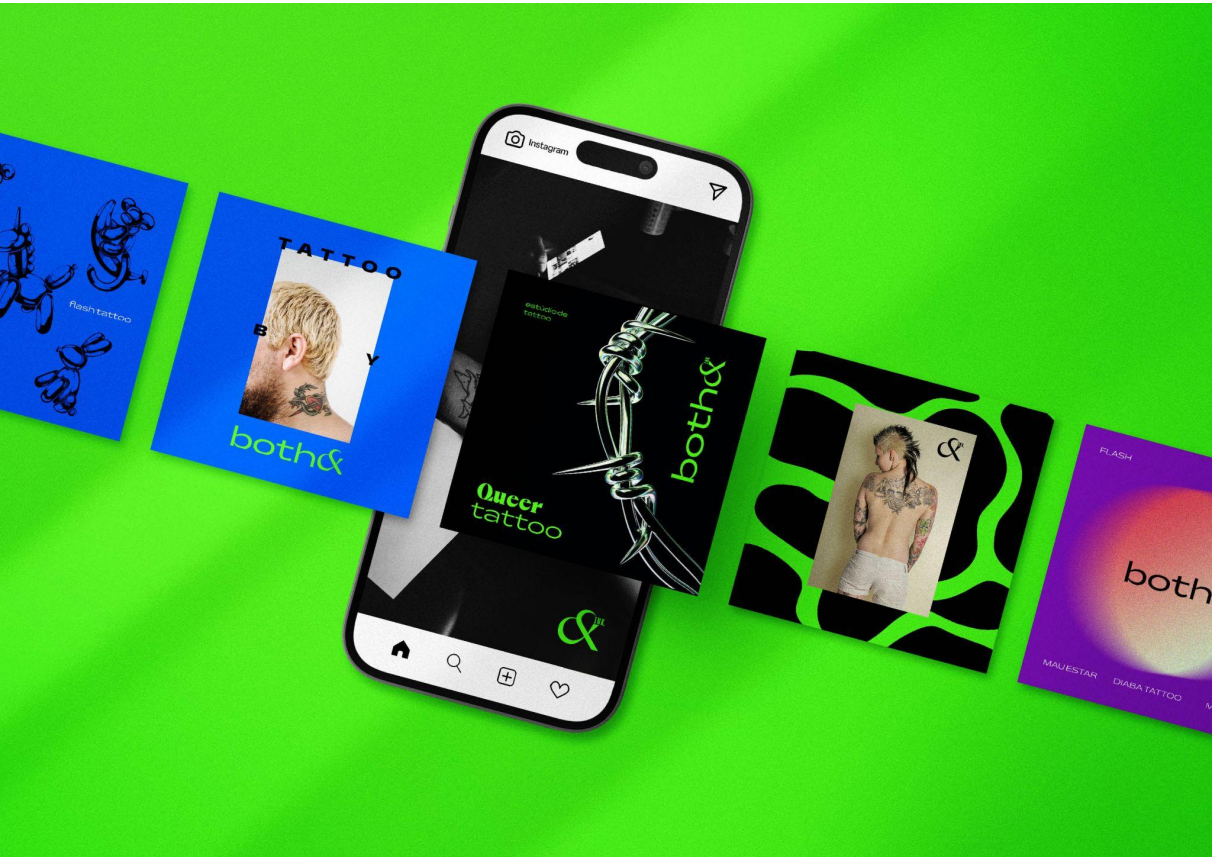
both&

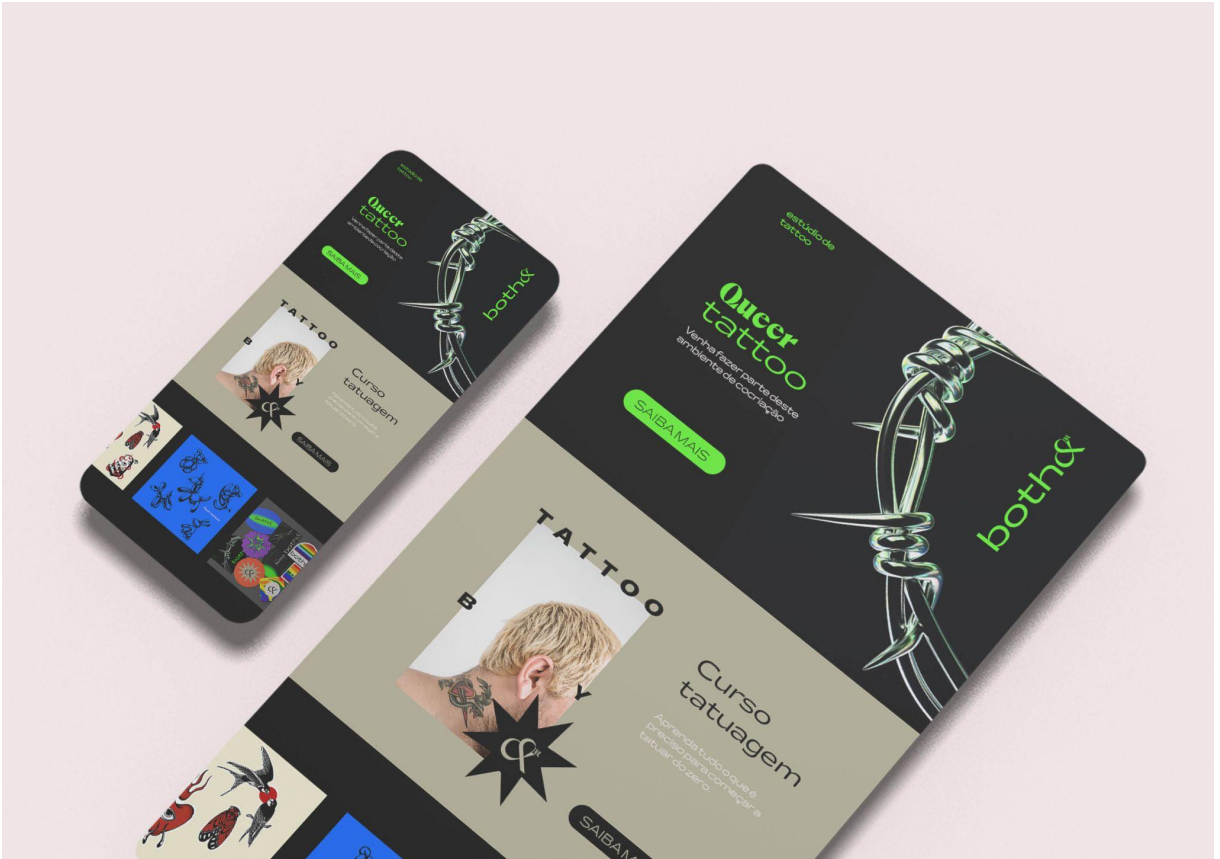
Marca



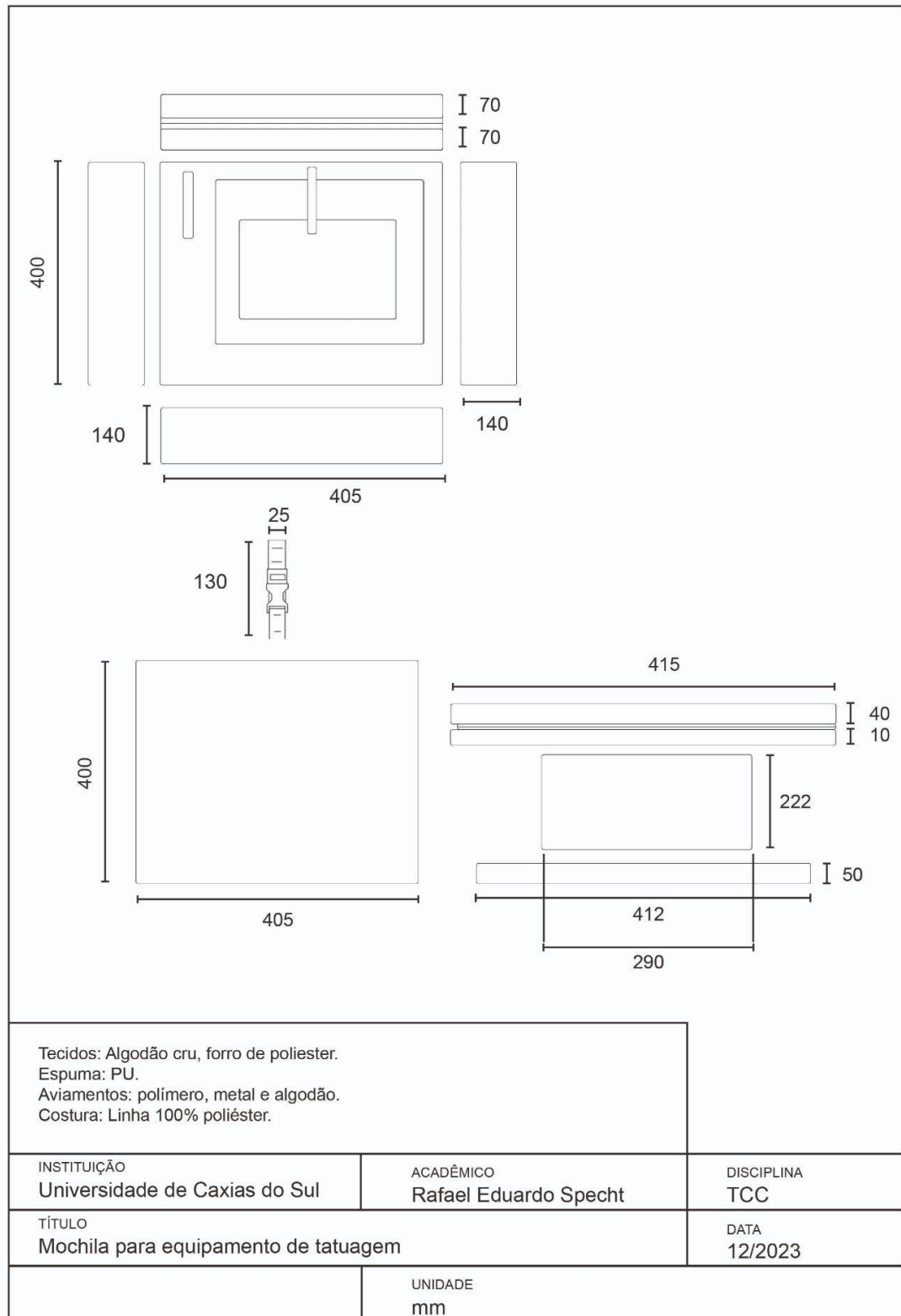
Aplicações

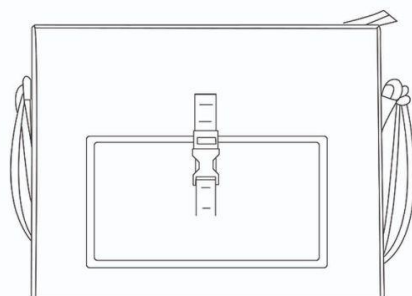
Marca



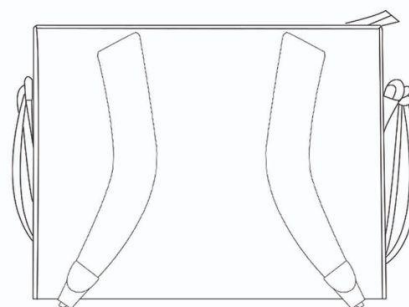


APÊNDICE C - Desenho Técnico mochila

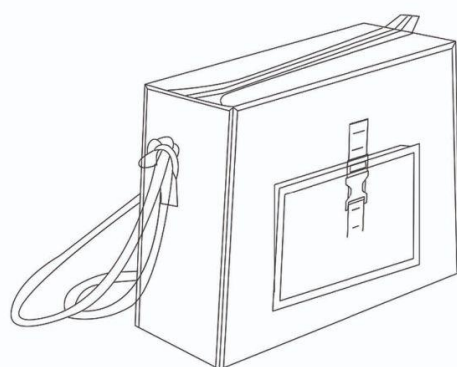




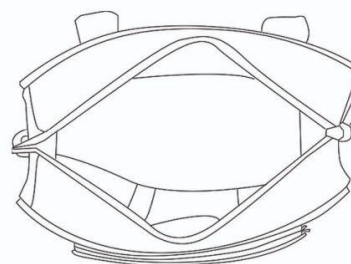
Vista frontal



Vista posterior



Perspectiva cavaleira



Vista superior

INSTITUIÇÃO Universidade de Caxias do Sul	ACADÊMICO Rafael Eduardo Specht	DISCIPLINA TCC
TÍTULO Mochila para equipamento de tatuagem		DATA 12/2023
		UNIDADE mm